

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Hector Pedro Travi Vigilecca

**UMA EXPERIÊNCIA DE PROTAGONISMO JUVENIL: A PERSPECTIVA DE UM  
PROFESSOR-PESQUISADOR**

Porto Alegre

2018

Hector Pedro Travi Vigilecca

**UMA EXPERIÊNCIA DE PROTAGONISMO JUVENIL: A PERSPECTIVA DE UM  
PROFESSOR-PESQUISADOR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Célia Elizabete Caregnato  
Assistente de orientação: Bernardo Sfredo  
Miorando

Porto Alegre

2018

### CIP - Catalogação na Publicação

Vigilecca, Hector Pedro Travi  
UMA EXPERIÊNCIA DE PROTAGONISMO JUVENIL: A  
PERSPECTIVA DE UM PROFESSOR-PESQUISADOR / Hector  
Pedro Travi Vigilecca. -- 2018.  
60 f.  
Orientadora: Célia Elizabete Caregnato.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em  
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. protagonismo juvenil. 2. didáticas. 3.  
conhecimento. 4. linguagem. 5. ensino médio. I.  
Caregnato, Célia Elizabete, orient. II. Título.

Hector Pedro Travi Vigilecca

**UMA EXPERIÊNCIA DE PROTAGONISMO JUVENIL: A PERSPECTIVA DE UM  
PROFESSOR-PESQUISADOR**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Dra. Rosimeri Aquino da Silva (FACED/UFRGS)

---

Professora Dra. Célia Elizabete Caregnato (Orientadora)

## RESUMO

Este trabalho aborda o contexto do ensino médio brasileiro, problematizando o protagonismo dos estudantes na relação com a escola e o conhecimento. O objetivo é verificar como diferentes estilos de aula de Sociologia contribuem para a produção do protagonismo juvenil, o qual é entendido como um elemento básico para a produção de ensino-aprendizagem. O trabalho realizado com o recurso a diferentes metodologias didáticas, abordando o caso particular de uma turma de estudantes do ensino médio em escola de Porto Alegre. O autor atua como professor e investigador utilizando variados recursos didático-pedagógicos, a partir dos quais relata e analisa modos de interação e participação dos estudantes. As práticas descritas são teoricamente discutidas e articuladas com as noções de poder, conhecimento e linguagem, a fim de reconhecer aspectos relacionais entre aluno, escola e educador. Os resultados mostram que esforços para propiciar o protagonismo dos jovens na escola se mostram produtivos e apontam para a possibilidade de interlocução entre saberes e experiências cotidianas na relação com questionamentos reflexivos a partir de conhecimentos disciplinares e escolares. Ao mesmo tempo, reconhecem-se os limites à participação estudantil, sobretudo pela baixa frequência dos estudantes às aulas.

**Palavras-chave:** protagonismo juvenil; conhecimento; poder; linguagem; ensino médio; didáticas.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 OS CONTEXTOS E A DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>10</b>
2.1 O CONTEXTO DA SOCIEDADE E DO ENSINO PÚBLICO PRECÁRIOS.....	10
2.2 O CONTEXTO DA ESCOLA PESQUISADA.....	14
2.3 O PROBLEMA DA PESQUISA E OS SEUS OBJETIVOS .....	16
2.4 JUSTIFICATIVA .....	17
2.5 METODOLOGIA.....	18
<b>3 CONHECIMENTO, PODER E LINGUAGEM: NOÇÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>21</b>
3.1 O CONHECIMENTO.....	21
3.2 A LINGUAGEM .....	26
3.3 O PODER .....	27
<b>4 PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO, LINGUAGEM E PODER.....</b>	<b>30</b>
4.1 ACONTECIMENTOS EXTRACURRICULARES EM 2017 E 2018.....	30
4.2 AULAS DO PROFESSOR-PESQUISADOR.....	32
4.2.1 Aula Ensino-Transferência.....	34
4.2.2 Aula Expositiva-Dialogada .....	36
4.2.3 Dinâmica - Aluno Protagonista.....	39
4.2.4 Dinâmica de grupo .....	43
4.2.5 Proposta dos alunos.....	45
<b>5 O ESPAÇO PARA O PROTAGONISMO ESTUDANTIL: DISCUTINDO A EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>48</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>
<b>APENDICE A .....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A ideia da realização deste trabalho partiu da experiência docente na etapa final do curso de licenciatura em ciências sociais. Atuando pela primeira vez como professor, uma série de fatores fizeram com que o tema da prática docente e sua influência sobre a vida dos alunos enquanto sujeitos sociais se tornasse objeto de interesse. Ao mesmo tempo em que ocorreu a atuação como professor-estagiário na disciplina de sociologia em escola pública de nível médio da cidade de Porto Alegre, foi sendo possível ver essa área de ensino relacionada com diversas outras e de importância essencial para a contextualização da vida dos estudantes. Assim, surgiu o interesse em pesquisar a educação dos jovens de maneira mais ampla, ainda que a partir da prática de ensino em aulas de sociologia.

Com este trabalho monográfico, objetiva-se pensar na educação não só a partir de enquadramento conteudista, mas analisar as diferentes esferas que, além do conteúdo, fazem da educação em ambiente escolar um fator de socialização de todos os indivíduos que dela participam, e no caso deste trabalho, os alunos. Essa socialização na escola pode contribuir para que os jovens tenham maior ou menor protagonismo nos processos sociais e educacionais dos quais fazem parte, especialmente na relação com a construção do conhecimento.

Essas esferas que compõem a educação escolar podem ser identificadas e etiquetadas de diferentes maneiras, e neste momento se encontra o primeiro dilema. A intenção da pesquisa é responder à questão: Como diferentes estilos de aulas de Sociologia no Ensino Médio contribuem para produção de protagonismo dos estudantes e para sua relação com o conhecimento?

É importante destacar que paralelo à investigação que serve de base para análise nesta monografia de conclusão de licenciatura, houve atuação como docente, a partir de uma nova experiência de estágio curricular, além da carga horária exigida pelo currículo da licenciatura em Ciências Sociais. De comum acordo com a orientadora, a nova experiência tinha o objetivo de utilizar técnicas da pesquisa-ação: atuar como docente e pesquisar o universo dos jovens e dos recursos didáticos que estavam sendo utilizados.

Para analisar realidade escolar e para investigar a atuação e o protagonismo dos estudantes, se tornou necessário considerar aspectos do contexto social e escolar público que

constitui as relações sociais em foco. Além disso, as categorias de conhecimento, poder e linguagem se tornaram recursos para discutir a realidade empírica e são trabalhados teoricamente no segundo capítulo. Os dados são apresentados na terceira parte do trabalho e a discussão é feita posteriormente no quarto capítulo.

## **2 OS CONTEXTOS E A DELIMITAÇÃO DA PESQUISA**

Neste capítulo são trabalhados os contextos sociais e da escola pública brasileira, mostrando sua precarização. São destacados movimento de mudança curricular no ensino médio e também e apresentada a escola onde a pesquisa ocorreu. Por fim, a elaboração da questão central da investigação e os objetivos montam aquilo que define a delimitação do objeto da pesquisa

### **2.1 O CONTEXTO DA SOCIEDADE E DO ENSINO PÚBLICO PRECÁRIOS**

O ensino público de nível médio no Brasil ainda é precarizado, seja pelo número de estudantes em idade líquida - 15 a 17 anos -no sistema, seja pelas condições nas quais se desenvolve a educação para os jovens. A taxa líquida de matrícula no ensino médio progrediu nas últimas décadas, passando de 41,2% em 2001, a taxa chegou a 61,4% em 2014 (OBSERVATÓRIO DO PNE, 2017). Embora haja vagas no sistema de educação para escolarização de nível médio, em 2014, 16,1% da população estava fora da escola sem ter concluído o ensino médio (OBSERVATÓRIO DO PNE, 2017).

Por outro lado, como exemplo da situação precária, cabe lembrar que houve greve dos professores no estado do Rio Grande do Sul durante o ano de 2017, decorrente do pagamento parcelado de salários por parte do poder público. O fato interrompeu o calendário prejudicando profissionais e estudantes. Na escola onde ocorreu a pesquisa, assim como em outras, muitos jovens estudantes estiveram sem atividades estudantis, sendo desestimulados a permanecerem em suas escolas, a terem oportunidade de formação adequada e continua incidindo sobre o currículo e o resultado da escolarização. Para compensar a interrupção causada pela greve, durante o verão, período normalmente de férias, alunos, professores e funcionários regressaram às suas atividades com um desgaste psicológico agravado pela estação do ano. Os conteúdos foram resumidos visando o rápido encerramento do ano letivo e o ensino foi prejudicado. Esse tipo de situação não é incomum na educação brasileira.



Por outro lado, nos anos de 2016 e 2017, um tema recente de discussão nas escolas e na política do Brasil girou em torno da reforma do ensino médio - Lei nº13.415 de 16 de fevereiro de 2017. Essa lei estabelece uma reforma curricular com retira a obrigatoriedade do ensino de várias disciplinas e com a responsabilização da escola pela oferta de acordo com demandas e com os recursos materiais para mantê-los. Desse modo, vê-se a perspectiva positiva de ensino diferenciado e também a perspectiva negativa de que ocorra diferenciação nas propostas de trabalho escolar, currículos, conteúdos e atividades propostas, uma vez que escolas com mais recursos materiais seriam as mais beneficiadas, sendo respectivamente as escolas particulares, as públicas centrais e só então as públicas em áreas marginalizadas, onde vive a maioria da população pobre. Se observarmos o fenômeno recorrente na história da educação brasileira, temos motivos para temer. De acordo com Ferretti, Zibas e Tartuce (2006, p. 58),

Os projetos oficiais que acenam com algum financiamento são os que mais motivam as escolas a se envolverem em sua execução. No entanto, registramos diversas frustrações, quando o financiamento prometido não foi liberado. Entretanto, muitos dos projetos oficiais não preveem financiamento extra, devendo a escola contar com os próprios recursos para sua implementação ou inclusão.

Os autores apontam também que professores podem considerar os projetos do novo ensino médio, enviados de órgãos superiores distantes da realidade material e pedagógica da escola, por vezes se distanciando da própria especialidade do profissional. Por sua vez, os diretores das escolas tendem a se ver responsáveis pela implementação das diretrizes, a fim de atender a norma legal. Essa ambiguidade traz divergência entre os profissionais e tende prejudicar os planos de ensino.

Ferretti, Zibas e Tartuce (2006), preocupados com o protagonismo juvenil, destacam que não se pode desvincular a realidade de cada escola da realidade social mais ampla e que diretrizes extremamente rígidas e padronizadas podem se distanciar da realidade vivida por alunos de uma região para outra, deixando de fazer sentido em cada espaço social e escolar de formação. Esses argumentos convergem com a hipótese de que a valorização do protagonismo dos estudantes é um importante recurso para que os educadores definam quais conteúdos adicionais podem ser trabalhados em um currículo relativamente aberto, bem como quais modos ou didáticas precisam ser valorizadas. É clara a possibilidade de que quanto mais próxima da realidade dos estudantes for a abordagem do ensino, mais facilmente se pode compreender realidades distintas e melhor desenvolver a proposta de ensino com base na valorizando seus saberes.

Outro detalhe abordado por Ferretti, Zibas e Tartuce (2006) é o fato de que há, em geral, financiamento internacional dos projetos de reforma do ensino, o que evidencia um plano maior e padronizador do ensino. Esses aspectos limita as possibilidades de participação ativa dos estudantes. Os autores permitem questionar se a escolha de disciplinas opcionais explícita que tende a haver apenas uma pequena margem de liberdade entre aqueles que estiverem nesse modelo de ensino padronizado. Essa parece ser uma condição para os jovens serem incluídos de fato nesse plano de financiamento educacional.

Uma vez que a maioria da população pobre é negra e vive em áreas marginalizadas<sup>1</sup> ou seja, afastada dos grandes centros e longe dos olhos dos detentores do poder público, há de se imaginar que as escolas periféricas sofram ainda mais o processo de segregação de populações pobres de um sistema de ensino efetivo, criativo e ativo. No contraponto, a classe média e média-alta poderá ter uma formação diferenciada ao frequentar escolas com recursos, pagando mensalidades de escolas privadas, ou deslocando-se até as melhores escolas públicas. Já a parcela mais pobre da população será destinada às escolas mais próximas de suas residências, as quais possuem com menos recursos e, provavelmente, oferecerão apenas o plano básico de ensino obrigatório. Os esforços de muitas famílias conduzem a comprometer os já limitados recursos financeiros e temporais para alcançar escolas de qualidade superior longe dos locais de residência.

Nesse sentido, Jessé de Souza (2009) explica em “A ralé brasileira” a ilusão de que as classes sociais se formam como resultado de um processo justo de meritocracia. O autor cita a ideia do sociólogo Florestan Fernandes, trabalhada em “Mudanças Sociais do Brasil, aspectos de desenvolvimento da sociedade brasileira”, do ano de 1970, de que as classes sociais no Brasil são resultado de um processo histórico racista. Nesse processo, os escravos e seus descendentes entram no mundo do trabalho como sua condenação, sem autoestima, enquanto que para os descendentes de europeus, o trabalho é sua salvação, sua dignidade. Segundo Jessé (2009), na sociedade são valorizados os indivíduos que possuem um tipo específico de conhecimento. Trata-se do conhecimento legitimado em processos sociais de disputa nos quais as classes média e alta se sobressaem, impondo seus códigos como os legítimos. Todos aqueles que não os dominam acabam se enquadrando na “ralé”, que não conta com auxílio do poder público para ter acesso a esse conhecimento. De um lado, detentores dos cargos do Estado, nos poderes Legislativo, Judiciário e Executivo, são na maioria das vezes procedentes

---

<sup>1</sup> Dados levantados pelo IBGE e divulgados através da Agência Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>. Acesso em 29 abr. 2018.

da classe média e altas. De outro, as classes populares não têm seus conhecimentos valorizados com o mesmo status social da ciência, forma de conhecimento e ação social protegida por termos e especificidades inacessíveis a muitas pessoas.

Souza (2009) afirma que, desde cedo, a criança projeta os estilos de vida de seu pai ou sua mãe em sua visão de mundo, assim reproduzindo a classe social, de acordo com seu acesso e suas aspirações e ambições. Trata-se da tendência à reprodução de condições materiais e de capital cultural (BOURDIEU, 2001). Relacionando suas ideias com a conjuntura de reforma do ensino médio, fechamento de escolas e desvalorização da escola e do professor, é plausível pensar que a ralé não terá os mesmos estímulos ao sucesso escolar e sua continuidade que um estudante que possa fazer curso de línguas estrangeiras, curso pré-vestibular, aulas particulares e estudar em um colégio particular. No futuro, o aluno com menos acesso fará uso do seu conhecimento ou do conhecimento a ele delegado, fazendo serviços de mais baixa remuneração para aqueles que têm condições de pagar, ou seja, aqueles que por sua condição social de nascimento obtiveram competências que lhes possibilitaram buscar ocupam melhores posições no mercado de trabalho. Esses serviços são muitas vezes domésticos ou relativos à vida do sujeito mais rico, que, poupando seu tempo, pode investir em mais capacitações, ou seja, mais possibilidades de enriquecer. Assim, se condena a população mais pobre a uma situação sem perspectiva de ascensão social.

O conceito de *capital cultural*, desenvolvido por Pierre Bourdieu (2001), mostra que a constituição dos indivíduos na sociedade não depende apenas de bens materiais e acesso objetivo ao dinheiro. A informação e educação básica torna diferente “o ponto de partida” e a condição na qual se encontra o sujeito na sociedade e para entrar no mercado de trabalho, evidenciando elementos de caráter cultural subjetivo. Entre eles, pode-se destacar o exemplo de formação dos pais, as experiências sociais e culturais mais amplas - a literatura, o cinema, viagens, e outras vivências, por vezes internacionais. Tudo isso age amplificando oportunidades para construção de conhecimentos, em comparação com um jovem que não tenha o mesmo aporte familiar presente. Um jovem cujos responsáveis são pessoas com empregos de baixa remuneração, sem perspectiva de que sejam mais valorizados, que se desloca por horas para chegar a uma instituição de ensino se encontra em desvantagem. Os gostos por determinados esportes, por exemplo, praticados por determinada camada social traz um conhecimento refinado, assim como os elementos que o cercam, como por exemplo a linguagem e outros aspectos de distinção social.

A educação formal se apresenta para muitos jovens como uma chance de inserção, inclusão e de ascensão social, porém ele é desestimulado pela forma com que o conteúdo é

oferecido, quando lhe é oferecido. Quando as portas da educação escolar se fecham para os meios legais de ascensão econômica e social, é comum que jovens busquem essa forma de lucrar dinheiro e por consequência status através de meios alternativos e/ou ilegais, que sobram para quem tem disposição e necessidade de exercê-los, como o tráfico, o roubo e a prostituição. Nesses casos, os jovens ficam expostos a riscos de vida, sendo punidos pela ordem legal. Em uma sociedade desigual isso se torna um verdadeiro extermínio com a classe mais baixa, uma vez que o índice de jovens negros, muitas vezes, confundidos pela polícia com alguém que participa de atividades ilegais, sendo punidos sem julgamento. Essa população de jovens pobres e negros está frequentando a escola de nível médio no Brasil atualmente. Esse fenômeno não ocorria até recentemente.

Frente ao problema da desigualdade social e educacional e diante de ameaças de fechamento de escolas públicas de periferias, especialmente no estado de São Paulo, no ano de 2016 iniciou-se uma onda de ocupações das escolas públicas por jovens estudantes que reivindicavam a manutenção de suas instituições escolares. Essas ocupações feitas por parte dos alunos impediram que as aulas normais ocorressem, vivendo e dormindo nas escolas por todo o Brasil, a fim de protestar e evidenciar o descaso do poder público com o ensino. Nesse sentido, muitos poderiam considerar mais um ano letivo prejudicado pela interrupção das aulas. Porém, a diferença das ocupações para as greves foi a presença dos alunos dentro da escola. A iniciativa apenas parou as aulas normativas, referenciadas como de “quadro negro e giz”, mas contou com oficinas e mutirões organizados pelos alunos para dar vida à escola, ou seja, cuidar do espaço, evidenciando a vontade de protagonizar a realidade referente a essa instituição. Segundo Ferretti, Zibas e Tartuce (2006), quando há a possibilidade de escolha, os alunos tendem a optar por atividades alternativas ao modelo clássico de aula.

Na escola, lócus da pesquisa que constitui o campo empírico para este trabalho, também ocorreu o período de ocupação dos alunos. Apesar de historicamente a direção pedagógica ter prestígio com os alunos, foi relatado por alunos antigos a resistência da direção ao movimento. Essa direção teria, inclusive, dispensado uma professora que frequentava a escola nesse período e incentivava os estudantes a realizarem a ocupação nas escolas.

## 2.2 O CONTEXTO DA ESCOLA PESQUISADA

As observações e aulas ocorreram em um colégio público, estadual, localizado em um bairro de classe média, central e próximo de uma grande via pública na cidade de Porto Alegre. Foi o local onde tive minhas primeiras experiências docentes no ano de 2017,

referentes ao período de estágio obrigatório da UFRGS. A escola funciona em todos os turnos, sendo no período da manhã para o ensino médio e fundamental, à tarde apenas para o fundamental e a noite apenas ensino médio. Foi considerada por muitos anos uma das melhores escolas públicas da rede estadual do município, com baixíssimos índices de reprovação. Possuem duas quadras poliesportivas de qualidade mediana, um prédio na parte da frente com aproximadamente 30 salas de aula, sendo uma sala de vídeo equipada com computador e telão, e um laboratório de biologia e química com materiais para experimentos e animais embalsamados. Na parte interna e dos fundos, onde ocorrem aulas do ensino fundamental, existem aproximadamente mais 15 salas. A escola possui sala da direção, da coordenação, sala dos professores, e registra o ponto dos estagiários e dos profissionais. Os profissionais da limpeza são terceirizados.

Como um colégio central, a instituição recebe alunos de todas as regiões de Porto Alegre e também cidades metropolitanas como Alvorada, Viamão e Cachoeirinha. É tido como referência no ensino público, por sua tradição e estrutura. A ideia de analisar o ambiente escolar em relação com o engajamento do aluno não somente nas aulas, mas também em sua socialização, nasceu do encontro com um colégio tradicional, mas com alguns elementos atípicos. A escola oferece atividades alternativas aos seus alunos, como troca de cartas no dia dos namorados, campeonato de dança, *grafitti*, gincanas e esportes entre turmas.

Em relação à didática dos professores no ano de 2017, em geral não se apresentavam dinâmicas lúdicas ou alternativas ao modelo clássico de aula, que é composto pela fala praticamente ininterrupta do professor e o silêncio dos alunos. Assim, a chamada aula expositiva dialogada muitas vezes acaba sendo apenas expositiva. Porém, pode-se supor que as ações fora da sala de aula influenciam os alunos a permanecerem na escola, estimulando seu aprendizado e principalmente fazendo-os protagonistas do seu momento escolar enquanto estudantes, ou seja, do seu próprio aprendizado por meio de engajamentos alternativos.

Durante os intervalos (recreios), é permitido aos alunos colocar músicas sugeridas pelos mesmos em uma lista fixada na sede do grêmio estudantil. É muito comum aos estudantes dessa escola a cultura do passinho<sup>2</sup>, que independente do estilo musical consiste em coreografias de dança. Percebendo essa preferência, a escola convocou uma professora de dança que possui uma academia, e através de uma parceria, foram oferecidas bolsas integrais para alunos do colégio que gostariam de fazer aulas de dança. Todo ano nessa escola ocorre

---

<sup>2</sup> A cultura do passinho se iniciou no Brasil como anexada ao movimento hip-hop, em uma variação aos passinhos de funk, black music e dança de salão. Hoje em dia, os passinhos de funk contam com outras manobras de acordo também com a modificação no estilo musical. Para mais detalhes, é possível tomar como referência a página “Passinho dos Malokas” na rede social Facebook.

uma competição de dança, denominada “School’s Dance”. Para esse evento, cada turma deve criar uma coreografia, o que inevitavelmente une os alunos em suas turmas na preparação, e todos do colégio no dia da apresentação. No ano de 2017, também ocorreu outro exemplo de atividade extraclasse: um concurso de desenhos promovido pela direção, no qual os alunos decidiam entre os desenhos de sua turma para competir com as demais e, ao fim de uma grande votação, a turma que tivesse seu desenho escolhido ganharia tintas para reproduzi-lo em uma parede, como um *grafitti*. Além disso, gincanas de arrecadação e campeonatos esportivos também estão presentes no calendário anual dessa escola.

Os registros etnográficos mostram jovens com sentimento de pertencimento à escola. Isso pode ser notado em suas falas quando questionados sobre a instituição na qual estudam, mas também em atitudes como a pontualidade, a conservação do espaço, a iniciativa própria de realização de atividades propostas, e a permanência por parte do aluno na escola conforme os anos se passam.

Como a maioria das escolas estaduais, a escola em questão sofre com problema de falta de professores, alguns são concursados e outros contratados, alguns assíduos e outros nem sempre assíduos por várias razões. Em suas eventuais ausências, é possível observar alunos em um momento livre, porém diferenciado da hora do intervalo. Enquanto uma parcela pequena vaga pela escola e outros optam por ir para casa, percebe-se um grupo significativo de alunos buscando uma folha de exercícios no local de obtenção de fotocópias, usando o tempo sem professores para realizar tarefas daquela ou de outra disciplina. A maioria dessas atividades não tem peso avaliativo, porém prepara o estudante para as provas finais, sendo esse um fator de mobilização para usarem aquele tempo para realizar exercícios propostos.

Seja por acreditar em seu aprendizado em longo prazo ou para se ver livre de uma obrigação, levanto a hipótese de que a instituição enquanto dá ao aluno seu devido protagonismo, cria nele um sentimento de pertencimento, fortalecendo sua relação com o regimento da escola e com o conhecimento. Quando por vontade iniciativa própria busca ser pontual, assíduo e participativo nas tarefas propostas por professores que, inclusive, por vezes estão ausentes, o estudante de fato está apostando em algo, na sua educação. Os dados permitem lidar com a ideia de que os jovens apostam naquele espaço e naquilo que é proporcionado por parte da instituição, e não por mera obediência e/ou submissão.

### 2.3 O PROBLEMA DA PESQUISA E OS SEUS OBJETIVOS

Diante do contexto, se apresenta como objetivo dessa pesquisa verificar como diferentes estilos de aulas de Sociologia no Ensino Médio contribuem para produção de protagonismo dos estudantes. Esse protagonismo se faz essencial para a construção de novos saberes e metodologias, como afirma Paulo Freire em “Pedagogia da Pergunta” (1985) ao citar como dever do intelectual que imagina qualquer tipo de projeto social em dialogar com aqueles envolvidos. Entre os objetivos específicos, testar novas dinâmicas, em grupo e individuais que possam auxiliar futuramente qualquer pessoa que assumir o papel de educador, visando criar uma alternativa didática ao ensino tradicional. Além disso, descentralizar o poder do papel de professor, verificando qual a postura dos jovens ao receberem a oportunidade de propor a aula na qual vão fazer parte.

#### 2.4 JUSTIFICATIVA

Diante do contexto específico de uma escola que foi ocupada e ativa que é a de delimitação de minha pesquisa, e também do contexto macro, na realidade de eventos recentes de ensino público brasileiro, seria de extrema importância pensar alternativas para o ensino. Para pensá-las, é necessário prestar atenção àquilo que foge ao padrão da atividade escolar tradicional e traz novos significados à socialização juvenil na escola, e nas relações dos jovens com os conhecimentos. As atividades consideradas lúdicas não devem ser vistas apenas como passeios e momentos de lazer, mas como dinâmicas que podem trazer um resultado palpável para os processos de aprendizagem. Essa possibilidade é mais importante para a pesquisa que a atribuição de uma avaliação positiva ou negativa, embora essa perspectiva também possa ser adotada. O protagonismo dos estudantes enquanto uma nova geração, principalmente após o período de ocupações, surge como uma inovadora sugestão para que sejam superados velhos problemas de desvalorização de ensino.

Como escreve Henri Lefebvre apud Marilia Sposito (2008) em seu artigo “Juventude e educação: Interações entre a educação escolar e a educação não formal”, em uma conclusão ao citar o sociólogo Henri Lefebvre:

No âmbito da dinâmica social, os mecanismos de reprodução das relações sociais fazem aparecer novas formas de reprodução das desigualdades, mas, também, novas possibilidades de superação dessas mesmas desigualdades. (LEFEBVRE, apud SPOSITO, 2008, p.84).

Ainda segundo Ferretti, Zibas e Tartuce (2006), as atividades alternativas tendem a ser mais escolhidas entre os alunos, demonstrando interesse nesse tipo de realização. O tema é

interessante não só para a Sociologia, mas para a educação em si, pois pretende sugerir a partir da experimentação em diálogo com conceitos chave uma educação não inovadora, mas alternativa, que possa aproximar a relação do professor, aluno e funcionário da escola entre si e para com a sociedade civil. A ideia é contextualizar o aprendizado para o uso próprio e livre, não afastando o conhecimento da prática, limitando-o para específicas situações.

Este trabalho de conclusão de curso em licenciatura em Ciências Sociais une prática e teoria, pretendendo verificar como diferentes didáticas e relações dentro da escola influenciam na relação do aluno e professor com o aprendizado. Ele pode servir de inspiração em especial pela parte prática para todo educador que possa ou não encontrar dificuldades em sua jornada docente.

## 2.5 METODOLOGIA

As aulas ministradas pelo pesquisador e educador tiveram início no dia 7 de maio de 2018. Foi ofertada pelo professor titular da escola a oportunidade de trabalhar com uma turma de terceiro ano do ensino médio. No ano anterior, também havia sido realizado na mesma escola o período de estágio, que correspondeu a um total próximo a setenta horas, quando foram ministradas aulas para turmas de primeiro ano de ensino médio. Nesse período, foram observadas as peculiaridades específicas da escola quanto a atividades e dinâmicas diferenciadas quanto à participação ativa dos estudantes. As pinturas, danças, músicas, esportes, gincanas e oportunidades de estudos em outras instituições podem ou não ter sido fatores determinantes para o comportamento e desenvolvimento dos alunos em sala de aula.

Chamou atenção a relação dos alunos com o regimento era consideravelmente boa, envolvendo poucas tensões para a direção e poucas reclamações por parte dos alunos quanto a regras ou imposições injustas. Além disso, eram em sua maioria pontuais e respeitosos com todos profissionais, respeitando filas para o lanche, realizando atividades propostas e solícitos para ajudar com atividades como carregar livros de uma sala à outra.

A pesquisa desenvolvida não se limitou escola, mas se relaciona com a vida fora do espaço escolar, uma vez que as técnicas para obtenção de informações e dados utilizadas, como por exemplo entrevistas semiestruturadas, oferecem elementos para conhecer acerca da vida dos alunos externa à escola. Os períodos de observação foram registrados funcionam como registros etnográficos do ambiente escolar.

No ambiente escolar foram observados e analisados momentos e situações de interesse da pesquisa: aulas mais tradicionais, oficinas e atividades práticas, os intervalos e a entrada e



a saída da escola. Aliados com as entrevistas, esses momentos permitem discussões sobre a sociabilidade dos alunos, sua relação com a escola, com o regramento, que permite pensar relações de poder e relações com o conhecimento, objeto de estudo nas aulas. Além da já citada observações das aulas, foram conduzidas coletas de informações com alunos da escola, a fim de traçar pontos comparativos, entre o aprendizado em diferentes momentos didáticos e ideias que possam expressar seus conceitos sobre a educação escolar, trazendo para a pesquisa pontos importantes no que tange ao protagonismo do aluno no ambiente escolar.

No ano de 2018, as aulas ministradas pelo pesquisador-professor foram divididas em três modelos, sendo cada modelo composto por três aulas. No primeiro modelo, será feita uma revisão para prova de área de Sociologia, onde o método a ser usado será o de aula expositiva, apontando conceitos do texto: “Sobre o papel do trabalho na transformação do Macaco em Homem” por Friedrich Engels. Esse texto já havia sido proposto pelo professor titular que me abriu o espaço para realizar a pesquisa e o estágio. Logicamente, as aulas, mesmo que minuciosamente planejadas, estão sujeitas a alguma imprevisibilidade, pois as observações dos alunos serão essenciais para o andamento da revisão. A pedido do professor, as outras duas aulas em modelo expositivo-dialogado foram para reforçar conceitos de Karl Marx, como o de Trabalho e Classe Social. Nessa oportunidade foram introduzidas categorias não necessariamente atreladas aos conceitos marxianos, como foi o caso de desigualdade social, marginalização do indivíduo, capital cultural, etnocentrismo, colonialismo, entre outros.

Após o término desse primeiro modelo de aula, que já prevê a participação do aluno, a proposta foi modificada a disposição dos móveis na sala, incitando os alunos de participarem da aula, debatendo acerca das ideias propostas pelo professor-pesquisador nas primeiras aulas, além de conceitos trazidos pelos estudantes a partir de solicitações. Questões como o ensino público, as perspectivas futuras, o ensino de sociologia, a relação com o conhecimento, qual conhecimento é válido dentro e fora da escola e protagonismo juvenil serão debatidas. A metodologia estará presente no anexo do plano de ensino que tracei para esses dez encontros (Anexo 1 - Plano de Ensino). Para esse objetivo de ser professor e pesquisador, foram utilizados recursos didáticos variados como por exemplo músicas, desenhos, vídeos e fotos serão utilizados.

A terceira parte das aulas será estabelecida para apresentações dos alunos, que deverão realizar tarefas de apresentação oral, podendo estar aliadas com algum artifício ou recurso alternativo, propostos pelos mesmos, trazendo os conceitos e reflexões trabalhadas em aula e fora dela. Os estudantes puderam utilizar plataformas como a música, fotos, vídeos, teatros,

perguntas para debates ou uma simples apresentação oral. Todas essas variações de aulas tinham como intenção interpretar na pesquisa a participação, a atuação e o rendimento dos alunos, mas também estimular sua participação em um ambiente em que ele deve reconhecer-se como principal sujeito. Todas as especificações das aulas estão presentes tanto quanto no anexo de plano de quanto como no próximo capítulo deste trabalho, atentado para a aplicação da metodologia e reflexões acerca dos acontecimentos, levantando dados e as principais questões, dúvidas e diálogos que ocorrerão.

### **3 CONHECIMENTO, PODER E LINGUAGEM: NOÇÕES TEÓRICAS**

Nesse capítulo serão apresentados conceitos nos quais serão apoiadas as principais ideias da pesquisa. É a partir da sua elaboração e imaginação que serão possíveis experimentos, verificações, abordagens teóricas acerca da realidade vivenciada na escola, a delimitação do trabalho. Essa produção se propõe a discutir, experimentar e presenciar o ambiente escolar e seus sujeitos, verificando quais são os principais fatores e variáveis que favorecem (ou não) para que a escola se constitua como local de aprendizado, desenvolvimento e troca de vivências, sendo esses fatores externos ou produzidos pelo próprio encontro de seus agentes. Desse modo, existe a proposta de observação de todos os agentes, mas como foco principal a experimentação de diferentes modelos de aula onde se incentive a participação dos alunos para criar e participar das aulas propostas tanto pelo professor quanto por eles mesmos. Em outras palavras, o principal problema de pesquisa é como o protagonismo juvenil pode ou não influenciar na relação do aluno com o conhecimento.

Dialogando com os conceitos determinados, é formada uma visão mais clara do pesquisador para que haja um entendimento por parte do leitor, direcionando as ideias teóricas ao encontro da realidade palpável, discutida em todo o trabalho e mais precisamente apresentada em sua delimitação de caso no capítulo três. Conceitos já estabelecidos se desdobram em novos contextos. Depois de identificados as situações empíricas e as relações entre os sujeitos do ambiente escolar, a pretensão é que, no último capítulo do trabalho, com base nos conceitos, possa-se discutir diferentes perspectivas de como, onde, quando e por que os sujeitos podem variar sua agência buscando a melhoria do ambiente e dos resultados propostos a partir do plano de atividades da escola. As variáveis dependentes para o aprendizado no contexto das aulas na escola onde foi realizada a pesquisa se mostraram ser a duração das aulas, o horário, a quantidade de alunos em sala de aula, a didática e o tema abordado. Para isso é importante apoiarmos essas variáveis que apareceram nas práticas em alguns conceitos, possibilitando a compreensão e problematização de suas ocorrências.

#### **3.1 O CONHECIMENTO**

O conhecimento é o primeiro conceito a ser explanado, pois é a sua existência em sociedade que legitima não só a presença de escolas, mas, por consequência, todas as relações nela implícitas. Conforme previsto em nossa Constituição Federal, a instituição da educação

como direito social obriga o órgão público a oferecer vaga em escola gratuita para ensino básico. Isso pode ser o reconhecimento de que o conhecimento deve ser acessado por todos, sem excluir a possibilidade da função social da escola na sociedade brasileira ser de certa forma controlar a infância, preparando crianças e jovens e seus conhecimentos para o mercado de trabalho. O ensino básico, abrangendo o fundamental e médio e também abrangendo a educação infantil tem como objetivo tornar do conhecimento do aluno o básico das ciências matemáticas, humanas e da natureza, além de discutir questões culturais locais, trabalhando conteúdos gradualmente mais específicos no ensino médio. A partir do acesso à informação, oriunda de pesquisas científicas reconhecidas no mundo inteiro, o aluno passa a estabelecer diferentes relações com o conhecimento ao qual foi apresentado.

Enquanto para algumas áreas do conhecimento o aluno se interessará, buscando aprimorar suas capacidades a partir de estudos e exercícios, em outros casos o mesmo não terá interesse no estudo. Também são comuns alunos que não se identificam com nenhuma área do conhecimento apresentada na escola, talvez pelo seu desinteresse em frequentar o ambiente, pela forma com que os conceitos são abordados, ou até mesmo por que seus maiores interesses se encontram fora do ambiente escolar e possuem pouca ou nenhuma ligação com as aulas que presencia.

Essas hipóteses vieram a ser confirmadas na pesquisa a partir de relatos dos alunos, conforme relatado na descrição e discussão da prática docente da pesquisa. Essas variáveis serão discutidas nos próximos capítulos, porém o fato é que o conhecimento, apesar de constituir um direito a ser acessado através de instituições como a escola, nem sempre chega aos jovens. Muitas vezes, pode chegar de forma com que, tamanha seja sua desconexão com a realidade juvenil, é desestimulante e acaba perdendo a importância diante daqueles que dele deveriam se apropriar. Nesses casos, a abordagem com que o conhecimento é proposto deveria ser reformada para que o mesmo seja ressignificado, e reelaborado pelos sujeitos, sendo capaz de transformação da sociedade, em uma ideia que logo será retomada.

Por outro lado, é importante considerar que, em artigo de Renato Collyer para a revista “*Obvious*” (2015), o conceito de “devir”, como proposto pelo filósofo grego Heráclito (considerado por muitos o pai da dialética), explica que o mundo está em constante mudança. Essa transformação se funda a partir de um conflito entre opostos que se complementam. Esta oposição permite criarmos conceitos, por exemplo, o de frio. Só podemos afirmar que está frio, ou até mesmo imaginar o frio, a partir do conhecimento do calor. Para o filósofo, só valorizamos a saúde por conhecermos as doenças. Essas oposições não trazem o caos, e sim harmonizam o Universo. Nas palavras do químico Lavoisier, “Na natureza nada se cria, nada

se perde, tudo se transforma”. Da ideia de Heráclito trabalhada por Collyer (2015), também gostaria de discutir a afirmação de que nossa percepção do mundo a partir dos sentidos é imóvel, e as palavras afirmam uma natureza que na verdade está em constante mudança, limitando a capacidade de perceber através dos pensamentos a instabilidade do mundo em que vivemos.

Apesar de que se possa relativizar a existência de apenas dois polos opostos em um mundo pluricosmológico, é possível estabelecermos esses opostos na maioria dos exemplos da vida cotidiana e palpável, extremando seus fundamentos, pois para cada ideia podemos pensar algo que se apresente como oposição.

É proposital que seja usada nesse caso a valorização do pensamento e a racionalidade, característica marcante da ciência moderna para problematizar o ensino. Como no caso imaginado anteriormente, se um ou mais alunos apresentam a possibilidade de desconexão do conhecimento ensinado em relação a sua realidade, não devemos imaginar que esses são sujeitos desprovidos de conhecimento. Muitas vezes, a abordagem escolar ou fatores extraescolares podem influenciar o aprendizado.

Entretanto, é necessário levarmos em consideração a clara possibilidade de que novos conhecimentos estão constantemente sendo produzidos e reproduzidos. Essa condição deve ser considerada no ambiente de aprendizado, tanto para serem relacionados com conhecimentos científicos pré-estabelecidos pela legislação nacional ou estadual, quanto para serem explorados e aprimorados na relação com conhecimentos do cotidiano e com conceitos aprendizados forjados no cotidiano.

Não se trata de valorizar apenas o conhecimento emergente que os alunos apresentam nas práticas onde são protagonistas, mas principalmente reconhecer que, devido sua inevitável agência na vivência cotidiana escolar, pode-se lidar com conhecimentos prévios e não escolares de maneira positiva. Os elementos de uma cultura juvenil interagem com uma cultura mais tradicional, praticada e pensada pelos mais antigos, por meio de desdobramentos na relação de opostos, por vezes sutis, por vezes através das suas mais contundentes discordâncias. A constante renovação de conceitos e ideais, inclusive acerca do conhecimento, garante elementos novos e também reproduções impermanentes, ou seja, desdobramentos que mantem elementos do passado e apresentam novas configurações no presente.

Segundo Paulo Meneses, em seu artigo “Etnocentrismo e Relativismo Cultural: Algumas Reflexões” (1999), o termo “relativismo cultural” surge após a proposta de antropólogos realizarem observações participantes, não mais se limitando a descrever e

comparar peculiaridades sobre a “cultura” a ser estudada, mas tratando de compreendê-la. Conforme apresentado pelo autor, o conceito de relativismo cultural está atrelado à noção de que nenhuma sociedade é melhor ou pior, mais bela ou mais feia que outra, pois o senso comparativo não permite medições onde existem elementos culturais de origem e significados distintos. Esses elementos pertencentes a uma cultura em específico só têm sentido quando inseridas em tais contextos, e a tentativa de substituí-las ou significá-las a partir de conceitos de outras culturas pode conscientemente ou não, fazer com que uma rede de conceitos e correntes de conhecimento estabeleça uma relação de dominância sobre a outra. Para lidar com essa compreensão em aulas de Sociologia na escola, se torna necessário colocá-la em prática durante o desenvolvimento das aulas, por exemplo. O trabalho com a noção de perspectivismo contribui para inspirar a relação entre o conhecimento escolar e o não escolar.

O autor Eduardo Viveiros de Castro (1995) trabalha o conceito de perspectivismo criado por Leibniz e desenvolvido por Nietzsche. No artigo “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”, o antropólogo aproxima o conceito de sua pesquisa. Ao afirmar que os indígenas têm uma visão de que o animal esconde uma alma humana, contrapõe com a visão ocidental de que nós humanos escondemos uma faceta animal. Segundo o autor, os índios apresentam uma diferente perspectiva cosmológica acerca da realidade, ao a partir de seus conhecimentos elaborarem uma concepção de que todo o universo possui uma condição humana. Essa visão se limita a um determinado grupo étnico, enquanto a visão de que apenas nós seremos humanos, pois somos dotados de certa capacidade de raciocínio, e por isso especiais. Essa concepção indígena não pretende ser melhor ou pior que alguma outra, ou como, por exemplo, ter a “humanização” dos animais como positiva, ela, nesse documento, apenas atenta para as diferentes formas de entender a realidade, e como elas podem tornar-se verdades pela crença filosófica.

Desse modo, conceitos criados, formulados e pensados em certo tempo e lugar, por certas pessoas, passam a ser utilizados em diferentes contextos, por vezes sendo considerados aqueles de maior valor, ou até os únicos a serem validados como reais. A resistência a um perspectivismo impede a o desdobramento mesmo que impermanente de uma lógica pensada para o contexto onde foi criada, dando lugar a um conhecimento indisposto e inflexível, oriundo de outros contextos. Se o conhecimento está constantemente sendo ressignificado, não há necessidade de negar a existência de certos conceitos e a forma com que são abordados, até por que mesmo a resistência a esse modelo é precisa para o desenvolvimento de um novo saber. Porém, é certificar de que esse conhecimento não apresente barreiras epistemológicas, impondo como verdades absolutas assuntos que podem ser relativizados. A

sala de aula se mostra como ambiente de conflito não só de gerações, mas entre diferentes formas e conceitos de conhecimentos e saberes, não necessariamente opostas, mas em constante ebulição.

No âmbito da sociedade civil brasileira, em um mundo globalizado no século vinte um, é impensável ser contra o acesso a informação e a abordagem de diferentes perspectivas. Porém, o próprio conceito de conhecimento (formado pelas mais diversas e numerosas matrizes) está sujeito a uma padronização em nome da ciência moderna. Ora, é inegável a contribuição científica para com o método e a racionalidade, porém existem questões do campo subjetivo da realidade que nem sempre se apresentam como certezas, como parte da educação, questões morais e artísticas.

Não se pode medir todos os conhecimentos de um aluno da mesma maneira como se mede o volume de água em um copo, pois o conhecimento está atrelado a diferentes perspectivas que trespassam a vida do sujeito, podendo se manifestar de diversas maneiras. As provas normativas de escolas, por vezes com questões objetivas, são muito úteis para testar capacidades e verificar o aprendizado, porém limitam e sujeitam o indivíduo a um único tipo de manifestação desse conhecimento, que pode por vezes estar distante do modo com que faria o aluno “provar” suas capacidades de forma mais ampla e completa. É interessante questionarmos a motivação da educação que muitas vezes se limita a provas. Ela se apresenta como uma educação que ensina para o teste, de maneira objetiva e simples, sem se atentar a questões críticas e outros possíveis desdobramentos que o conhecimento tem a não ser sua imediata aplicação. Essa aplicação imediata impede que o aluno relacione tal conhecimento, especialmente aulas de Sociologia do nível médio de ensino, o caso da prática dessa pesquisa. Ao passar ou reprovar no teste, o aluno “vira a chave” e retorna ao seu cotidiano independente do conhecimento supostamente adquirido, separando o saber do agir.

Assim como didaticamente, o modelo de aula onde professores muito expõem conceitos e lógicas e os alunos pouco demonstram seu interesse e desenvolvimento a partir dessas questões, corre o risco de ser pouco eficaz pela falta de convergência na perspectiva dos agentes. Se o que ou como é trabalhado em aula se afasta da realidade demasiadamente, o aluno tem que fazer maior esforço para aprender algo distante dos seus interesses e pensamentos cotidianos. De certa forma, é possível também entender que alguns alunos, acostumados a posição de ouvinte (nas aulas, e não em seu cotidiano), não considerem legítimo o saber daquele educador que não propõe uma aula expositiva, onde esbanja conceitos e linguagem considerada apropriada para a disciplina que leciona.

### 3.2 A LINGUAGEM

Resgatando as ideias de Paulo Freire em diálogo com Ira Shor, professor americano, o professor brasileiro afirma que não devemos renegar conceitos importantes para a formação do nosso conhecimento, e a grande questão é aproximarmos esses conceitos da realidade concreta (FREIRE; SHOR, 2008 p. 92). Além disso, Freire e Shor acrescentam que a classe dominante tem o poder de instituir sua linguagem como padrão.

É possível relacionar essa ideia com outra, de Marcel Mauss, apresentada no texto citado anteriormente de Paulo Meneses (1999) Mauss aponta que as palavras trabalham como signos, alterando o conteúdo de seus significados a partir de como e quando são empregadas. Dessa forma, a linguagem está associada ao conhecimento e à legitimidade desse conhecimento, o que faz com que, muitas vezes, palavras desconhecidas pelas classes de menor acesso à educação e informação soem como legítimas, pois só o fato de serem desconhecidas por leigos e serem proferidas em um contexto de aula, dá legitimidade ao professor. Para Freire e Shor (2008), o que deve ocorrer é uma constante vigília para o uso correto do emprego da palavra, e que ela por si só não se baste como conhecimento, e muito menos sirva para afastar o conhecimento dos estudantes.

Freire e Shor (2008) sugere metodologicamente que comentários verbais por parte dos educandos sejam estimulados por parte do professor. Segundo os autores, o professor deve agir como um educador, que estimula o aluno a ter autonomia intelectual, tendo em sua profissão a função de orientar e instigar, e não apenas se limitar a ser um locutor, alguém com a pretensão única de apresentar o conhecimento. Essa pretensão seria falsa ou no mínimo insuficiente, justamente pelos diversos espaços e momentos da educação, dos quais esse professor estaria afastado, por atuar quase que exclusivamente na escola. Com o objetivo de estimular e capacitar, e evitar limitar os alunos, afirmam que não tem o direito de não lhes sugerir a leitura de Karl Marx, por exemplo, imprescindível no estudo da Sociologia, apenas por que a linguagem é academicamente conceitual e distante do cotidiano. O exercício sugerido é de que haja intervenções verbais, expressadas pelo vocabulário cotidiano. O objetivo é aproximar-se a um vocabulário até então pouco conhecido, auxiliando no domínio desse tipo de linguagem, considerada mais culta em universidades e mercado de trabalho,



meios onde o aluno futuramente pode figurar e almejar uma mudança social por meio das próprias condições que lhe eram antes impostas como dificuldades.

### 3.3 O PODER

Os conceitos de “Conhecimento” e “Linguagem” foram trabalhados de modo a destacar propositadamente sua relação, sendo o conhecimento trabalhado através da linguagem, e a linguagem como significadora, legitimando o conhecimento. O terceiro item, “Poder”, também contextualiza a ideia da pesquisa a ser realizada. Paulo Freire, no conjunto de sua obra, imaginava a educação como libertadora, e não autoritária. O papel de professor, agora chamado de educador, seria de ajudar, dialogar, iluminar e orientar, modificando a didática tradicional, conhecida como ensino-transferência, formada em aulas expositivas e que pressupõe a fala do professor para os ouvintes (alunos). Esses ouvintes permanecem passivos, quietos e pacientemente escutando o professor porque nessa relação, como em todas as outras, existe uma forma de poder.

O poder segundo Foucault (1989) não é um elemento maciço que possa ser meramente transferido de uma pessoa à outra, ele age através das pessoas. Assim, o autor francês concentra seus estudos acerca do tema para descobrir como o poder trespassa os indivíduos. O poder subjetivo se apoia em conceitos socialmente construídos, e Foucault identifica os indivíduos como seu centro de transmissão.

No caso das aulas tradicionais no modelo ensino-transferência, que pressupõem o silêncio dos alunos e a fala incessante do professor, o professor não tem o poder, que não provém dele como indivíduo. A figura de professor em si já é interiorizada pelos alunos acostumados com esse modelo de aula como a figura que vai transmitir o conhecimento, e por consequência, o poder, ou vice-versa. O poder é transmitido pelo professor não só pela posição que o mesmo ocupa, e sim justamente por esse sujeito ter um domínio de uma linguagem e de um conhecimento que os alunos não têm. Assim sendo, mesmo que não seja da vontade do professor, ao manter esse modelo de aula onde a atividade da fala e comando se limita ao profissional, é exercido através do educador e do modelo de aula o domínio, que pode limitar os alunos, acostumados na posição aparentemente passiva dessa transmissão de poder e conhecimento. Por vezes, os jovens alunos não assumem uma posição passiva perante essa transmissão, o que acaba trazendo uma situação incômoda aos profissionais. Nesse momento, ao invés de repensar o modelo de aula para sugerir o empoderamento e comportamento ativo do aluno, é comum os mesmos recorrerem a normas da escola e da

sociedade civil, ameaçando o aluno com punições, desgastando a relação e dificultando a produção de um ambiente harmonioso para o aprendizado, seja pela ineficácia dos métodos didáticos ou pela negação ou incapacidade de compreender um conhecimento alternativo.

Esse comportamento dos profissionais evidencia a crença no poder, ou seja, de que o seu conhecimento, aquele que foi estudado por anos, é inquestionável, oprimindo a emergência de novos conhecimentos. O poder não está nos sujeitos, e sim no discurso. De acordo com Foucault (1989), o discurso é o conjunto dos enunciados que se repetem ao longo do tempo, historicamente formados. O discurso constrói o conhecimento a partir da elaboração de normas subjetivas do que é ou não é permitido, o que é ou não é bem visto por uma específica sociedade. Ele engloba um conjunto de ideias voltadas para a reprodução de um modelo de fala, de saber, de ação e de poder.

Segundo Paulo Freire em seu diálogo com Ira Shor (2008) o educador que se mostra aberto a propor um ensino libertador, não deve se frustrar caso suas aulas não correspondam com as expectativas. Muitas vezes, os próprios alunos estão profundamente confortáveis em suas designadas posições, e não exercitam o pensamento crítico, que questione o saber que lhes é ofertado como se fosse um mero produto material. Esse tipo de reflexão por parte do aluno e do professor, ao descentralizar o poder, é a chave para que mudanças estruturais ocorram não só na escola, mas também na sociedade civil.

Os autores Ferretti, Zibas e Tartuce (2006) atentam para algo semelhante à filosofia de educação libertadora de Freire. Ao analisarem propostas docentes em um novo contexto de ensino médio nas escolas, relatam que, apesar da anunciada intenção de maior autonomia dos alunos nas escolas, na prática, a tendência é que isso não ocorra. Segundo a perspectiva dos autores é justamente pelos projetos pedagógicos serem formulados por pessoas afastadas da realidade contextual de cada escola que ocorrem fracassos. Esses projetos são realizados nas escolas, pois os seus gestores devem corresponder com a expectativa de seus superiores, e desse modo também os professores. Mesmo assim, não estão implícitos nos projetos requerimentos de verba adicional, ou qualquer detalhe sobre o contexto específico da escola onde devem ser aplicados. Projetos que prezam pela participação ativa do aluno omitem dele a chance de criar, induzindo-o a realizar atividades previamente elaboradas. Ainda que essas atividades possam ser importantes para o aprendizado e o pensamento crítico, executadas nesses moldes não descentralizam o poder dos professores, gestores e pedagogos, profissionais que por vezes encontram-se distanciados da realidade concreta da escola.

Essa pesquisa dialoga com a elaboração de Ferretti, Zibas e Tartuce (2006), na qual os autores analisam diferentes projetos didáticos e seus desdobramentos, tais como avaliação,

retorno e envolvimento dos alunos e professores para entender o protagonismo juvenil. No nosso caso, implementamos situações didático pedagógicas como professor e pesquisador. Desse modo, foram experimentadas diferentes dinâmicas, evitando também com que os projetos elaborados para a atividade dos alunos sejam de um único tipo de metodologia de ensino-aprendizagem. Provamos atuação mais centralizada e também situações de descentralização do poder, afim de comparações, reflexões e desdobramentos. O conjunto do trabalho desenvolvido que serve de base para esta monografia será descrito no próximo capítulo e, a seguir, serão discutidos os seus elementos na relação com questões da relação como conhecimento, a linguagem e o poder, problematizando a experiência proposta.

## 4 PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO, LINGUAGEM E PODER

Neste capítulo são apresentados diversos recortes da realidade escolar de relação com os estudantes com base no trabalho de professor-pesquisador realizado. Como a relação com a escola e com os estudantes do ensino médio ocorreu em primeiro momento no ano de 2017 e teve sequência em 2018, vamos nos referir a acontecimentos dos dois períodos quando necessário, a fim de analisar acontecimentos das aulas, relação professor-aluno e relação entre a gestão da escola e os estudantes.

### 4.1 ACONTECIMENTOS EXTRACURRICULARES EM 2017 E 2018

No ano de 2017, vivendo uma crise política e econômica que incluiu a destituição da presidente do país Dilma Rousseff, o período também foi conturbado no que tange a educação. Uma greve de professores no segundo semestre do ano marcou o período letivo da rede estadual gaúcha, com a demanda de que cedessem os insistentes parcelamentos de salário no estado do Rio Grande do Sul. Alguns dos professores da escola onde a pesquisa foi realizada e as aulas ministradas foram responsáveis por liderar o movimento dos educadores grevistas, mantendo-se na posição de suspensão de atividades até o fim. Nesse contexto, o estágio previsto para o segundo semestre foi cancelado. Porém, com as observações no primeiro semestre e algumas visitas extras foram possíveis constatações quanto a acontecimentos relevantes para a pesquisa.

O horário do recreio é o momento onde os estudantes saem da sala de aula e de seu clássico formato e passam a frequentar o pátio e o saguão da escola, convivendo com alunos de diferentes turmas. É nesse momento que sobressaíram as atividades realizadas por iniciativa dos jovens estudantes. Em parceria com o regimento da escola, o grêmio estudantil haviam músicas sugeridas em uma lista em uma grande caixa de som, e a aderência de alunos era alta, dançando e criando coreografias. O colégio incentiva a dança, criando competições anuais e oferecendo bolsas em escolas específicas de ritmos.

O concurso entre desenhos também estimulou as turmas a se mobilizarem tanto de forma artística quanto a se unirem para votação. O desenho escolhido entre os alunos de cada turma representaria a mesma entre todas as outras, e então o vencedor ganharia da escola as tintas para reproduzir o desenho na parede, em forma de *graffiti*. Além disso, as gincanas foram bem recebidas pelos alunos, que se empenharam nas atividades propostas. A escola,

além de sugerir atividades onde o aluno tinha participação ativa, aproveita dos sinais que recebe para incentivá-los, como no exemplo da dança.

Em 2018 foi diferente do ano anterior. A gincana desse ano foi vista como um fracasso, onde os alunos alegavam que não entendiam o porquê da realização, que ocorreu sob a justificativa por parte da direção de que celebraria o aniversário da escola, o que ocorre todos os anos sem essa atenção especial. Os alunos alegam que a gincana foi realizada pela falta de professores e muitos horários vagos, e que os professores não saberiam como ocupar os alunos.

Sobre esse fato, podemos refletir sobre a intenção das atividades. Conforme Ferretti, Zibas e Tartuce, (2006), é importante observar a intenção dos projetos e sua relação com o resultado produzido pelas atividades propostas. Em sua pesquisa, os autores já mostraram que algumas propostas pedagógicas eram vistas como momento de lazer pelos alunos e também se somavam à falta de comprometimento dos professores. Algo que facilmente se encaixa na gincana do ano de 2018. Isso pode ter ocorrido por que os alunos não foram convencidos nem de que a gincana poderia ajudar em alguma forma em seu aprendizado ou em seu desempenho escolar. Ela ocorreu em um colégio esvaziado de profissionais e sem adesão efetiva dos estudantes.

No ano de 2018, ocorreu um acontecimento a partir do qual se pode fazer uma reflexão nessa pesquisa. Durante uma manhã de aula, alguns alunos foram acusados de estarem fumando maconha, uma substância cujo porte, apesar de comum, é ilegal em espaços públicos. A reação da direção de 2018, foi de chamar a polícia. Com a chegada dos soldados da Brigada Militar, os alunos foram delatados pela diretoria. Entre três desses alunos, um era negro. Ele foi o único revistado pela Brigada Militar. Após o término das aulas, os oficiais da Brigada permaneceram em frente à escola, e devido à relutância do aluno em conformar-se a ser o único revistado, agrediram o aluno, atirando-o no chão. A diretora da escola, presenciando a cena, entrou em um carro e deixou o local.

No dia seguinte, os alunos se mobilizaram através das redes sociais para denunciar o ato de racismo, causando uma tensão com a direção, mas unindo os estudantes em uma causa, com a distribuição de cartazes pelas paredes e a colocação de faixas pintadas na escola. Desse fato, podemos relevar inicialmente a escolha da direção pela ação da polícia, que é o aparato da lei para punir infratores, mesmo nesse caso sendo eles menores. A ação da polícia é uma violência física e simbólica, pois além de agredirem o aluno acusado, mostrando despreparo para lidar com jovens e pessoas em geral, os policiais agem como centro de transmissão do poder através da coerção daqueles que infringem a lei, sem a designação de discutir a mesma

ou justificar seus atos, nem observam o cuidado de preservar a imagem dos envolvidos, antes mesmo de um julgamento legítimo. Sabendo ou não desses fatores, a direção optou por uma reação que afasta a responsabilidade da mesma para com os alunos de sua escola, delegando o que poderia ser evitado para terceiros. Sem saber ao certo quem eram os alunos envolvidos, teve a assertividade de apontar culpados, mas não pôde conversar, exercendo o papel do educador, de orientação, e optou pela coerção policial, resultando em ação violenta.

Sobre a união dos alunos, primeiro é importante ressaltar sua consciência enquanto estudantes acerca dos atos ocorridos, ao identificar um ato de racismo mesmo quando poderia ter sido interpretado de outra maneira. Isso salienta uma posição crítica dos jovens quanto à ação da polícia e da direção da escola, não concordando com uma submissão que consideraram injusta. Também é possível reconhecer certa afirmação de grupo/comunidade quanto ao papel do estudante, historicamente envolvido em mudanças sociais, unindo-se com finalidade de dar força a uma pauta e resistir a injustiças que forças maiores institucionalmente exercem sobre eles. Essa força de resistência apresenta uma oposição às leis, e por consequência aos pensamentos mais antigos que a formularam, ainda que a lei em nenhum momento da história recente tenha sido de agrado de todos os segmentos sociais. De campeonatos de dança a atos de resistência ao racismo, as atividades não tradicionais realizadas pelos alunos apresentam um senso de identidade com a escola, nem sempre de acordo com suas normas e ações. Esse senso de identidade traz aos alunos não só empoderamento, mas por consequência a posição de construtores do conhecimento, levando o conhecimento como um conjunto de ideias emergente a partir da socialização, reflexão e cultura local e contextualizada, que entra em oposição com ideias antigas e/ou deslocadas de seu contexto.

#### 4.2 AULAS DO PROFESSOR-PESQUISADOR

No ano de 2018, o pesquisador e educador deu continuidade à experiência letiva que havia começado no ano anterior, com turmas de primeiro ano do ensino médio. Dessa vez, com uma única turma de terceiro ano, foi possível um planejamento visando à pesquisa, praticando diferentes didáticas e analisando, também em conjunto dos alunos, seus diferentes desdobramentos.

No ano anterior, era perceptível uma relação com o regramento escolar (normas de horários, conduta e de notas) um pouco diferente daquela experimentada em 2018. Ministrando aulas em período diurno, o perfil dos estudantes de primeiro ano era de alunos

provindos de outras escolas, agora reunidos como colegas pela primeira vez. Já no terceiro ano, a maioria dos alunos está ligada a uma atividade de estágio ou um trabalho de carga horária correspondente a oito horas diárias, dificultando sua relação com os estudos. Ainda assim, os estudantes se conhecem em sua maioria há pelo menos três anos, pois nessa turma há um índice grande de alunos que estão na escola pela maior parte do seu ensino médio.

Apesar de serem mais velhos, e esse fato estar costumeiramente atrelado ao pressuposto de que são mais maduros, não respeitam as normas de escola de maneira tão atenta como os alunos de primeiro ano. Porém, a noção de maturidade muitas vezes está implícita não na obediência, mas sim na desobediência, crítica ou não de normas que lhes desagradam. Logicamente, os casos de insubordinação nem sempre carregam o sentimento consciente de empoderamento, porém, os alunos mais velhos se mostraram mais à vontade em não acatar sugestões da direção, como a participação da gincana, por que não viam sentido na realização da mesma. Enquanto em 2017 se percebia uma harmonia entre escola e alunos, constantemente incentivados, o terceiro ano, em 2018, foi a turma que não se inscreveu para nenhuma atividade da gincana. Essa turma também vê, quase que em qualquer atividade, alternativa uma chance para não frequentar o ambiente escolar tradicional.

Apesar de desenvolver temas independentes, as aulas de Sociologia realizadas em paralelo com este trabalho sempre partem de uma orientação do professor concursado, formado em Ciências Sociais, que cedeu espaço para que elas ocorressem. Sua vontade era de que fosse exposto sob diferentes perspectivas sociológicas o conceito de trabalho, tanto no ano de 2017 como no ano de 2018. Enquanto no ano de 2017 o ponto de partida era uma visão marxista, em 2018 o pedido foi de que fosse trabalhado o texto “O Papel do Trabalho na evolução do Macaco em Homem”, de Engels<sup>3</sup>. Um texto breve para estudantes do ensino superior, mas que pode parecer eterno e maçante para estudantes de um ensino médio brasileiro que pouco lê. Como defende Paulo Freire, os alunos não devem ser alienados dos conceitos e ideias formuladas na academia, porém é importante que haja a contextualização e diálogo, para que essas ideias não passem de maneira avulsa no aprendizado dos alunos, e relacionando-se com a realidade, possam se fixar.

A turma pode ser caracterizada por alunos entre 17 e 19 anos, moradores de bairros diversos, abrangendo todas as zonas de Porto Alegre. Ainda assim, diferentemente das turmas de 2017, em 2018 a maioria dos alunos vive em vilas próximas a escola. Existe entre a maioria dos jovens a clara pretensão de cursar o ensino superior, explicitada a partir de

---

<sup>3</sup> Texto escrito por Friedrich Engels em 1876 e publicado em 1896 em *Neue Zeit*. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/macaco.pdf>>. Acesso em 27 mai. 2018.

questionários realizados no final do trabalho, nas falas e no interesse pelo evento da UFRGS chamado Portas Abertas, onde a universidade recebe o público em geral e apresenta seus cursos.

As aulas terão diferentes formatos, sendo eles de ensino-transferência, definida aqui como a aula tradicional, onde o professor expõe conceitos à sua maneira, também relacionados com autores da disciplina. As outras didáticas serão a aula expositiva dialogada, onde haverá um esforço do professor em instigar a primeira participação dos alunos, relacionando o tema exposto no quadro e na sua fala com o que os alunos podem vir a comentar. Em outro momento, aulas de protagonismo juvenil se iniciarão, onde os alunos levam músicas, a fim de associar a letra com o texto social. Após esse momento, a dinâmica de grupo ocorreu para explicar conceitos de Durkheim com a participação ativa dos alunos, evitando a exposição demasiada no quadro e na fala do professor, buscando o exemplo prático do conceito de solidariedade orgânica, especificado na descrição da aula, a seguir. A última aula teve um tema e uma didática proposta pelos próprios alunos, buscando o extremo da experiência docente que busca o protagonismo juvenil. O estágio ocorrerá num período de aproximadamente dois meses, e alguns estilos de aula poderão se repetir por mais de um período, conforme o conteúdo, o interesse dos alunos e possíveis improvisações.

#### **4.2.1 Aula Ensino-Transferência**

Acatando a sugestão do professor, a primeira aula foi dedicada a breves apresentações e à explicação do texto em questão e seus conceitos para os alunos. Para essas aulas, foi usado o modelo tradicional de aula denominado “ensino-transferência”, modelo esse que pressupõe a exposição de conceitos por parte do professor, enquanto é delegado aos alunos o papel de ouvintes. Ao serem questionados se haviam lido o texto, proposto há um mês, apenas um ou dois alunos declararam ter realizado a leitura, situação que por vezes não difere da realidade do ensino superior público. Após duas semanas, quando ocorreu a prova de área (prova sobre todas as disciplinas classificadas como ciências humanas, sendo elas geografia, história, filosofia e sociologia), outras duas pessoas declararam ter realizado a leitura. Ao serem questionados se já haviam tido aulas sobre o texto, os alunos responderem que há um mês isso vinha ocorrendo. Da mesma forma, deu-se continuidade a essas questões, com finalidade de fazer uma revisão para a prova. A resposta ao serem questionados sobre a compreensão das ideias centrais e conceitos do texto era sempre positiva, porém nem quando eram incitados a



participarem da aula com perguntas ou apontamentos isso ocorria, fixando a aula na dinâmica tradicional de transferência de um conhecimento.

Esse conhecimento aparentemente está totalmente desconexo da realidade vivida pelos estudantes, pois se trata de um texto produzido muitas décadas atrás, em outro continente, contendo algumas ideias que inclusive já foram desmentidas pela ciência acerca da evolução da espécie humana.

O fato de que pouquíssimos alunos leram o texto, mesmo ele sendo imprescindível para a realização da prova com êxito, evidencia não só a falta do hábito da leitura no ensino médio, mas nesse caso específico o distanciamento da linguagem com a realidade com que ela se propõe a dialogar. Ainda que houvesse o esforço para comentar frases do texto, ou mesmo que elas não fossem comentadas como estão escritas, e palavras distintas das usadas fossem empregadas a fim de promover um maior envolvimento, era nítida a falta de atenção e importância dada pelos alunos ao tema e à aula.

Esse modelo de aula chamado ensino transferência por Freire e Shor (2008) durou três períodos, durante os quais a relação do professor com os alunos distribuía exclusivamente os papéis de fala para o professor e de ouvinte para os alunos, em uma clara relação de poder que ou exercia um domínio sobre o comportamento do estudante ou encontrava-os desatentos ou envolvidos em outras questões. Isso se deu não só por fins de pesquisa, para experimentar diferentes modelos de aula, mas também porque mesmo quando havia a intenção de diálogo, esse se fazia impossível pela incompatibilidade de linguagem e conhecimento, como já era esperado. Tal fato se explica pela linguagem tanto do texto de Engels como os conceitos empregados acerca dele tem um vocabulário traduzido de outra língua, ainda escrito em 1876, longe de descobertas científicas que o refutam. Ainda assim, mesmo trabalhando desdobramentos sobre o trabalho na sociedade atual, termos acadêmicos como a noção de etnocentrismo, capitalismo, mais valia, luta de classes, se mostram compreendidas, mas de difícil emprego por parte do aluno em seus pensamentos cotidianos. Para isso, é preciso que haja uma aproximação através de recursos percebidos pelo professor, que os usa como exemplos e aproxima os conceitos dos fatos.

No último período antes da prova, empreendeu-se uma primeira tentativa de envolvimento ativo do aluno com a aula. Foi sugerido que a turma se reunisse em pequenos grupos (oito grupos de aproximadamente três pessoas) e que esses grupos elaborassem questões sobre o texto, simulando o modelo objetivo apresentado na prova de área (ciências humanas). Após esse momento, os grupos deveriam expor para o grande grupo suas questões e alternativas. Foram escolhidas cinco questões mais adequadas, e enviadas para o professor

como sugestão para que fossem colocadas na prova. Duas questões formuladas pelos alunos caíram na prova, sendo que essa prova foi também usada para outras turmas, ou seja, houve revisão do conteúdo de conhecimento por parte do professor que elaborou as provas.

Ainda assim, mais da metade da turma ficou em recuperação na disciplina de Sociologia, e a justificativa dos alunos era coerente com o observado anteriormente: a linguagem. Mesmo acenando positivamente quando questionados sobre o entendimento, era nítido que sua falta de envolvimento poderia significar a incapacidade até de questionar, pois não se havia ideia evidente do que estava sendo discutido, mesmo quando usados exemplos e palavras mais próximas do cotidiano dos jovens. Nesse caso, não só a linguagem e o conhecimento são determinantes para o aprendizado, e talvez a resistência em aplicar o estudo discutido com linguagem informal nos estudos gerais, possibilitando a aplicação correta em uma prova formal, seja uma hipótese para o fracasso de parte da turma. Essa resistência ocorre, pois, muitas vezes uma linguagem informal está associada a uma falta de cobrança, e conforme observado, muitos alunos que faziam anotações deixam de escrever, fator que pode ser determinante para a fixação de conceitos trabalhados em aula.

#### **4.2.2 Aula Expositiva-Dialogada**

Levando em conta que a educação é um meio de transformação social, idealizada como libertadora para Paulo Freire (Freire e Shor, 2008 e Freire e Fagundes, 1985), houve então a intenção de enfim contextualizar os alunos, afim de que através do conhecimento teórico e empírico, os mesmos possam ser agentes transformadores e construtores do conhecimento e sociedade. Essa tentativa já havia ocorrido antes da realização da prova, usando de linguagem diferenciada afim de que os resultados fossem melhores. Agora, porém, foi desenvolvido o conceito de trabalho e seus desdobramentos. Primeiramente, foi discutida em aula a abordagem de Karl Marx sobre o assunto, sobre a geração de riquezas e desigualdade social. Os alunos, que já trabalhavam com o autor há três anos, ainda que não problematizassem tanto suas ideias e não as trouxessem para o plano concreto, estavam acostumados com esse tipo de linguagem e conceito, bastante trabalhados pelo seu professor. Com a abertura do diálogo, existe a tentativa de apropriação de uma linguagem usual, mas não aplicada. Desse modo, o poder não está sendo transmitido apenas pelo professor, pois há certa correspondência e domínio do assunto, mesmo que de forma inconsciente por parte dos alunos.

Trabalhando a desigualdade e seus desdobramentos, foram discutidas questões apresentadas no texto “A Ralé Brasileira” de Jessé de Souza (2009). O autor foi apresentado e escrito no quadro, porém não houve o foco na obra como um todo e sim em suas elaborações sobre a produção de desigualdades e classes sociais. As ideias e exemplos do cotidiano eram discutidas sem que os conceitos sociológicos fossem seus pressupostos, assim eles eram apresentados de maneira oportuna pelo professor, quando a mesma ideia se repetia nas falas e relatos das participações dos jovens. Nesse momento, percebia-se a participação mais ativa dos alunos, talvez devido ao fato de que os temas interessaram ou por estarem mais à vontade com a presença de um professor pretensamente não tradicional. Os estudantes participaram ativamente, trazendo experiências pessoais, levantando questões como a meritocracia, inclusive iniciando debates sem a necessária mediação ou intervenção do educador. Opiniões passavam a ser expostas a se tornar consensos, discordâncias refletidas e até o senso de imaginar o país e o mundo do trabalho estruturado de maneira diferente, refletindo sobre os desdobramentos da valorização de certas profissões e por qual motivo isso não ocorre.

Foi oportuna a ideia de trabalhar sistemas políticos e etnocentrismo, questionar os estudantes sobre por qual motivo vivíamos em um debate entre “esquerda” e “direita” (e o que eram “esquerda” e “direita”) e não poderíamos nos desprender de visões idealizadas por teóricos de outros continentes e séculos, sempre desdobrando seus ideais no plano real. Assim, foi abordado com participação ativa dos alunos, instigados através de perguntas e por vezes com seus próprios apontamentos espontâneos, o período colonial e neocolonial, as políticas de exportação e importação, de materiais e ideias entre os continentes, a globalização, as transnacionais (tema extremamente ligado ao trabalho e ao lucro), a leis, os aparatos da justiça, a produção e mercado consumidor, o racismo e a herança colonial da desigualdade.

Também foram abordados temas ligados a fatos recentes que viraram notícias e eram oportunos para discutir sua implicação política e repercussão. Foram discutidas as presenças de moradias ocupadas, a partir do desabamento do prédio em São Paulo no Largo do Paysandu<sup>4</sup>, e o modelo de transporte nas estradas e cidades que se usa da queima de

---

<sup>4</sup> O edifício Wilton Paes de Almeida, tombado em 1922, era considerado bem de interesse histórico, arquitetônico e paisagístico, desabou devido a um incêndio no dia 1/05/2018. O prédio era ocupado por moradores.

combustível para seu funcionamento, tomando como contexto a greve dos caminhoneiros<sup>5</sup>, que inclusive suspendeu um dia de aula na escola.

Acerca desses temas, alunos problematizaram a necessidade de pessoas viverem locais abandonados, trazendo experiências pessoais e do bairro onde se encontra a escola. Segundo um aluno, negro e de origem quilombola, o bairro sofreu com especulação imobiliária, quando interessados nos terrenos desabrigaram pessoas que ali vivem por não possuírem licenças ou alvarás de construção naqueles locais. Sugeriu que ouvíssemos a música “Saudosa Maloca<sup>6</sup>” de Adoniran Barbosa, sambista que trata o tema na canção. Outra aluna problematizou a intenção de pessoas que se apropriam de movimentos sociais, como os de ocupação para moradia, e cobram aluguel nesses locais, improvisando quartos com materiais inclusive perigosos para a saúde e integridade física, causando riscos de acidentes e insalubridade. Por outro lado, outro aluno perguntou onde ela havia obtido essa informação e quais seriam a credibilidade e a intenção da emissora que espalhava esse tipo de notícia. Outros debatiam a intenção de burlar uma lei (ocupar) alegando um direito básico previsto na Constituição (o de moradia), glorificando ou condenando a ação direta em relação a uma paciente e insuficiente espera pela mudança através da burocracia.

Sobre a queima de combustível, foi desenhado o mapa-múndi no quadro, com a Europa centralizada e acima, retomando o tema do etnocentrismo, para atentar às estruturas das estradas no Brasil e sua lógica de extrativismo para exportação, ao mesmo tempo em que foi possível falar das bases militares americanas espalhadas pelas maiores bacias petrolíferas do Oriente Médio. Discutir e problematizar a presença e intervenção militar de um país em outros, relacionando com o uso do carro quanto a um símbolo social, pela sua alta aderência por pessoas nas cidades, e altamente lucrativo, pela sua necessidade de manutenção e queima de combustível. Com esse tipo de aula, aos poucos o poder se descentraliza do educador, que com a sensibilidade a ser desenvolvida pode se usar dos elementos trazidos pelos alunos. Às vezes sem perceber, jovens problematizam, imaginam, debatem, e mesmo que muitas vezes

---

<sup>5</sup> A greve dos caminhoneiros no Brasil em 2018, também chamada de *Crise do Diesel*, foi uma paralisação de caminhoneiros autônomos com extensão nacional iniciada no dia 21 de maio, no Brasil, durante o governo de Michel Temer,

<sup>6</sup> “Saudosa Maloca” – Adoniran Barbosa. “Se o senhor não tá lembrado/ Dá licença de conta/ Que aqui onde agora está/ Esse edifício arto/ Era uma casa véia/ Um palacete abandonado/ Foi aqui seu moço/ Que eu, Mato Grosso e Joca./ Construimos nossa maloca/ Mas um dia, nem quero me lembrá/ Veio os homis c’as ferramentas/ O dono mandô derrubá/ Peguemos tudo nossas coisas/ E fumos pro meio da rua/ Apreciar a demolição/ Que tristeza que eu sentia/ Cada táuba que caía/ Doía no coração/ Mato Grosso quis gritá/ Mas em cima eu falei/ Os homis tá cá razão/ Nós arranja outro lugar/ Só se conformemos quando o Joca falou/ Deus dá o frio conforme o cobertor/ E hoje nós pega páia nas gramas do jardim/ E prá esquecê, nós cantemos assim/ Saudosa maloca, maloca querida,/ Dim-dim donde nós passemos os dias feliz de nossa vida.”

expondo apenas opiniões, elas se formulam a partir de uma conversa crítica e racional, onde as ideias e pontos de vista são apresentados a todos como turma.

A linguagem se torna mais flexível, pois o educador percebe o vocabulário usado pelos estudantes, e esse fator possibilita uma mudança no discurso, de modo com que os alunos se percebem também como portadores de informações e de capacidade de reflexão, portanto, de conhecimentos. Muitos deles afirmaram ideias já refletidas em seus pensamentos, porém nunca conectadas com as aulas de Sociologia. Assim, empoderam-se da capacidade de debater e influenciar ou serem influenciados pelos próprios colegas, sem que seja necessária a intervenção do professor em todos os casos para esclarecer conceitos.

#### **4.2.3 Dinâmica - Aluno Protagonista**

Nesse momento, a relação com os alunos já se encontra um tanto quanto confortável, tanto para os estudantes em geral quanto para o professor. Porém, alguns lidam com esse tipo de relação não como um incentivo a participarem ativamente, mas sim para se ausentar. Ainda que a frequência média da turma seja boa, são comuns os casos específicos de dois ou três alunos que se ausentam quando a manhã chega ao período de Sociologia.

Cada vez menos o professor necessita e deve fazer intervenções pedindo foco no que está sendo trabalhado ou o que muitos se referem como respeito, que é o silêncio do aluno. Isso ocorre porque à medida que um aluno começa a ter mais voz, a tendência observada foi de que seus colegas lhe deem atenção, talvez por perceberem que se o colega está interessado, isso pode lhes interessar também. Ao mesmo tempo, o colega não está envolvido na aula fortuitamente, e sim porque houve o exercício de fala, e através dessa fala, o reconhecimento do professor pelos interesses da turma, pela maneira de abordagem, e como relacionar isso a aquilo que foi proposto previamente de maneira distanciada da realidade. Além de o professor reconhecer o aluno, o aluno reconhece o professor como alguém com capacidade para ouvir e a si mesmo na posição de poder da fala.

Segundo os alunos, algumas aulas têm muitos debates, porém os temas não são aprofundados suficientemente para que eles possam participar com propriedade. Assim, quando a dinâmica expositiva-dialogada descrita na seção anterior é trabalhada, funcionando nesse caso como ponte para o protagonismo do aluno, pode ser necessário manter certo equilíbrio entre a pretensão não de transferir conhecimento, mas acessar conjuntamente a um conhecimento, e então contextualizá-lo.

A partir da sugestão de uns estudantes para escutarmos uma canção de Adoniran Barbosa, foi proposto que individualmente ou em grupos, cada um trouxesse uma música em português, com a letra e sua crítica escritas para apresentarem para a turma. A maioria dos alunos realizou a atividade parcialmente, apresentando a música, porém não fez o exercício da escrita nem da letra nem da interpretação. As apresentações limitavam-se a poucos minutos de fala, quando chegavam a um minuto. Ainda assim, quando instigados com comentários, a participação foi ativa entre os integrantes do grupo apresentando e os demais colegas. Nesse caso, pode-se considerar que a experiência atingiu parcialmente seus objetivos. Enquanto muitos alunos se aproveitavam dos outros interessados para agrupar-se, como esperado e tradicional no ensino, outros entusiasmados colocavam mais de uma música. As músicas em geral tinham cunho de crítica social, de estilos variados, principalmente rap, rock e samba.

As músicas de rap traziam muito a realidade dos traficantes, então uma grande aula ocorreu, abrangendo o universo do poder, do status, do dinheiro e da ascensão social. Discutiu-se o papel do tráfico ou de qualquer outra atividade ilegal em fazer com que aqueles que não conseguem ascender socialmente por meios legais disponham-se a fazer o que é proibido, com a finalidade de lucrar e, nas palavras dos alunos, “mudar de vida”. Ainda assim, o cotidiano violento faz com que muitos acabem presos ou mortos em confronto com a polícia, o aparato que faz presente a lei, quando não é corrompida.

O momento mais marcante da atividade foi quando foi registrado que apenas um aluno não havia nem realizado a atividade nem colocado seu nome na lista de grupos. Ele então foi desafiado a colocar qualquer música e se expressar a partir daquilo. Em um primeiro momento, negou-se a participar. Após alguns minutos, pediu para colocar uma música que, diferentemente das trazidas pelos colegas, não tinha um caráter de crítica social explícita.

A música “Eu Sento Rebolando e Chamando seu Nome”<sup>7</sup> da MC Pocahontas foi trazida pelo colega. Em meio a risadas e bom humor, a canção suscitou um grande debate. Na música, a frase “Pra sair com a Pocahontas tem que ser sujeito homem” fez com que algumas alunas comparassem a situação da cantora com a de meninas na Índia, e também em outros lugares e épocas. As estudantes comemoravam o fato de que em contraposição com algumas outras, que têm seus casamentos arranjados pelos pais, visando negócios, e são tratados objetivamente como mercadorias ou oportunidade de ascensão/manutenção social, MC Pocahontas escolhe e faz demandas sobre o homem com quem vai se relacionar.

---

<sup>7</sup> “Eu Sento Rebolando” – Mc Pocahontas – “Hoje eu vou ser tua mulher/ E tu vai ser meu homem/ Eu sento rebolando chamando seu nome/ Pra sair com a Pocahontas tem que ser sujeito homem.”

A partir disso, muitos outros se opuseram, afirmando que no mundo do funk a mulher muitas vezes é objetificada. As duas perspectivas se aliaram na exploração dessa realidade, onde podemos também pensar no ideal de “homem” imaginado pela MC Pocahontas, que provavelmente também é uma ideia repleta de símbolos e significados de masculinidade padrões para sua realidade. Como educador, é essencial chamar a atenção dos alunos para esses detalhes, assim como apresentar a eles a visão de perspectiva sobre os conteúdos. Poderíamos apenas julgar a cantora, alegando que suas músicas não contêm qualquer conteúdo social, mas isso seria incapacidade de enxergar a realidade ali descrita, carregada de símbolos, intenções e contextos. Essa incapacidade estaria associada a dificuldade de desprendimento de um dos discursos vigentes acerca do que é a crítica social, negando a possibilidade de que uma linguagem diferenciada e um contexto marginalizado possam ser considerados enquanto textos sociológicos.

Existem fatores de problematização e empoderamento nas músicas da cantora, que, em outra canção<sup>8</sup>, profere: “Ostentação, palavra que eu gosto de ouvir, se quiser andar do meu lado tem que fazer sorrir”. Essa frase explicita os símbolos que agradam a cantora que representa de certa forma um contexto cultural. Significa a ascensão financeira de uma classe que passa a acessar símbolos através do consumo e que se afirma na sociedade civil. Quando sugerido pensar a respeito da música como um texto sociológico, alguns alunos pareciam não acreditar o valor didático da canção, talvez por, ainda que estejam habituados com a linguagem, não a associam como forma de conhecimento semelhante ao visto na escola.

Problematizando a figura do homem idealizado pela cantora, podemos refletir que, apesar da posição de fala e escolha, da cantora, essa figura masculina é idealizada e de certa forma industrializada pela cultura de massas. A posição de fala de MC Pocahontas é em relação a ser uma mulher em um gênero musical dominado por homens e letras de conteúdo machista, e a posição de escolha por impor suas preferências, sejam elas originais ou não, para escolher com quem se relacionar e não se submeter a vontade de homens. Porém muitas vezes, esse imaginário do masculino segue um padrão elaborado pelos próprios homens que incorporam uma masculinidade hegemônica e fazem parte de um patriarcado, assim sendo, mesmo apropriando-se do lugar de fala e escolha, a letra acaba por reproduzir símbolos.

---

<sup>8</sup> “Mulher do Poder” – Mc Pocahontas – “Ostentação, palavra que eu gosto de ouvir/ Se me quer do seu lado, tem que me fazer rir/ Vem me buscar de Hornet, R1, RR/ Me dá condição/ Deixa eu totalmente louca, chapadona de Chandon/ Gosto de gastar, isso não é novidade/ Hoje eu já torrei mais de 10 mil com a minha vaidade/ É salão de beleza, roupa de marca, sandália de grife no pé/ Bolsa da Louis Vitton, sonha de toda mulher/ Tudo que eu faço ta virando comentário/ Postaram no face que agora eu tô de Camaro/ E quem tá comigo sabe aonde chego eu dou sacode/ Sou a MC Pocahontas, tamo junto, a firma é forte/ Bota o dedo pro alto, deixa os homens loucos/ Esse é o bonde das minas que andam no ouro/ Gosto de ostentar essa é a minha vida/ Mulher do poder, é assim que eu sou conhecida.”

Como na música “Mulher do Poder” onde MC Pocahontas especifica qualidades como motos, bebidas e dinheiro, que provavelmente se aliam com um padrão de estética que os homens devem ter para agradá-la. Desse modo, o acesso ao dinheiro e ao consumo significa o poder na visão da cantora, que usando desses símbolos para afirmação, reproduz uma lógica de mercado capitalista. Além disso, a música associa a posição de “mulher do poder” com uma mulher com muitos bens materiais e riquezas, muitas vezes concedidos pelo homem. Aspectos como o dinheiro e a vaidade se destacam como características de empoderamento na visão da compositora, justamente por diferenciar um sujeito, o destacando dos demais.

De qualquer forma, é interessante discutirmos em aula e no trabalho presente a existência de diferentes textos para o estudo de Sociologia. Enquanto no início das atividades os alunos trabalharam sem ler um texto de Engels, nesse momento passam a utilizar um recurso que se mostrou mais atrativo: o texto de uma cantora e compositora de funk. Em termos acadêmico-científicos, o texto de Engels é considerado mais rico em conhecimento, pois possui claramente a intenção de divagação acerca de temas sociais, vocabulário acadêmico e legitimidade como conhecimento válido em universidades, escolas e bibliotecas.

Por outro lado MC Pocahontas faz parte de um gênero musical marginalizado (poder), de vocabulário considerado incorreto (linguagem) e sem a clara intenção sobre reflexões sociais (conhecimento). Apesar disso, sua linguagem atrelada à noção de que ela produz um texto sociológico, mesmo que sem essa intenção, resulta numa maior legitimidade da compositora entre estudantes de ensino médio. Ainda assim, podemos perceber diferenças no modo de trabalhar, reconhecendo que ambos os textos têm seus valores, por vezes algum pode sobressair-se a outro no que diz respeito a método e interesse dos alunos. Questionando e dissecando frases, podemos construir um pensamento crítico a partir de qualquer tipo de texto, mesmo daqueles que estejam distantes do meio acadêmico, e tenham pouco ou nenhum espaço nas galerias de estudo.

Após as aulas onde os alunos apresentaram músicas de sua escolha, ainda houve uma aula expositiva dialogada onde foram abordados com maior profundidade os temas presentes nas canções. Entre eles, o dinheiro, sexo, drogas e violência. Acerca desses temas foram discutidas as ideias de Alba Zaluar, que apresenta o tráfico e o consumo de drogas não apenas como relacionado à substância química, mas também ao estilo. O fato de que em praticamente todos os bairros de zonas urbanizadas possuem algum vendedor de drogas ilícitas explicita o consumo de massa, refutando a ideia de que as drogas estejam apenas associadas a pessoas de classes mais baixas. O que ocorre é que, como descrito na música “Necessário” do grupo cearense “Costa a Costa”, apresentada em sala de aula na dinâmica musical, esse trabalho



acaba sendo feito por apenas quem precisa e tem disposição. Ainda assim, Zaluar aponta que os consumidores mais ricos, não dependentes apenas da substância, acessam e criam uma espécie de status social através do uso. Por outro lado, os indivíduos mal vistos por uma camada da sociedade, são aqueles que não vistos como dependentes ou traficantes, mesmo que por vezes estejam em situações parecidas a sujeitos marginalizados. Desse modo, existe uma possibilidade de transitar entre conhecimentos e linguagens não consideradas usuais para um sujeito que não é morador de periferia, sem com que aja um julgamento da sociedade civil em massa. O que para alguns é visto como crime ou doença, para uma pessoa elitizada pode ser visto como questão de estilo.

#### **4.2.4 dinâmica de grupo**

Trabalhando com a perspectiva de futuro, foi sugerido aos alunos que listassem profissões que gostariam de exercer. Após essa primeira listagem, outras profissões também foram sugeridas pelos jovens. Através de sorteio, um primeiro aluno foi relacionado a uma profissão, como no caso, médico(a). A partir desse momento, o aluno deveria fazer um breve comentário sobre o papel da profissão na sociedade e chamar outras profissões descritas no quadro (lista criada pelos próprios alunos) que pensava serem necessárias para a existência e atuação da sua. O aluno, que afirmou que os médicos serviam para cuidar da saúde das pessoas, chamou outras três profissões: Enfermeiro(a), Faxineiro(a) e Secretário(a). As três pessoas sorteadas para essas profissões listadas foram chamadas a juntar-se ao Médico no outro lado da sala, comentando sua função para a sociedade e para o Médico. Após afirmarem deixar o ambiente limpo e esterilizado, agendar e/ou encaminhar consultas e auxiliar nos procedimentos médicos, foram sugeridos de trazer mais profissões que devem existir para que as três últimas exercessem sua função. Foram chamados Pedreiro(a), Arquiteto(a) e Engenheiro(a) para a construção do hospital ou clínica que a equipe anterior atendia, e um(a) Motorista de ônibus para transportar os funcionários. O(a) Motorista pediu por um(a) Mecânico(a), para a manutenção dos ônibus, e de um Caminhoneiro(a) para trazer a gasolina, mostrando desenvoltura ao recordar um tema abordado recentemente no Brasil inteiro, a greve dos caminhoneiros, citada anteriormente. Já os responsáveis pela construção não encontraram no quadro profissões necessárias para que seu trabalho fosse realizado. Nesse momento, as profissões restantes eram: Advogado(a), Policial, Bombeiro(a), Prostituto(a), Jornalista, Atleta e Professor(a).

Foi questionado se alguma das profissões restantes poderia viver em sociedade sem a presença dos profissionais já posicionados do outro lado da sala. Como a resposta foi negativa, desafiados a relacionarem as profissões, os alunos afirmaram que o(a) Bombeiro(a) é a primeira profissão responsável pelo salvamento de um sujeito que dará baixa no hospital onde trabalham as demais profissões, enquanto que o(a) policial provavelmente também será acionado(a) nessa situação, visando o resgate e resolução de um possível acidente. Se o caso for relevante para ser noticiado em qualquer âmbito jornalístico (criminal, obituário, de trânsito, notícias gerais, etc), o(a) Jornalista fará uma cobertura para que o restante da população possa acessar informações sobre o ocorrido e seus desdobramentos. O(a) Advogado(a) agirá na resolução de um conflito, garantindo que as leis e direitos sejam cumpridas, seja qual for a posição de seu cliente nesse momento. Restando apenas o(a) Professor e o(a) Prostituto(a), uma situação de certa forma inusitada. Os alunos alegaram que os serviços desses profissionais eram requisitados por todas as profissões já do outro lado da sala. O papel do(a) professor(a) seria de educar, permitindo a comunicação e o desenvolvimento do saber específico de cada um dos profissionais, enquanto a função do(a) Prostituto(a) era auxiliar em momentos de prazer, segundo as palavras dos alunos, “dizendo respeito a outra esfera humana”.

Depois de discutido em aula sobre trabalhos marginalizados e levando em conta que a prostituição é legalizada no Brasil, iniciou-se um debate onde alguns alunos condenavam a presença dessa profissão no lado da sala junto a todas as outras, pois não viam ligação direta. Ao questionados pelo educador se não poderiam imaginar qualquer daquelas profissões se relacionando com a prostituição, acenaram positivamente, compreendendo que, mesmo sendo uma profissão aparentemente distante dos serviços usuais e gerais, ela é comum e existe uma demanda velada da sociedade, comprovada pela grande parcela de pessoas que atende a essa demanda.

Essa proposta estava ligada com a intenção do professor concursado de que o educador em estágio docente apresentasse aos alunos a noção de solidariedade orgânica de Emile Durkheim, sociólogo clássico. Durkheim cita a solidariedade orgânica como um mecanismo de funcionamento da sociedade moderna, onde os interesses entre os indivíduos são bastante distintos, tais como suas crenças e ideologias políticas. A solidariedade orgânica se baseia no Direito, sendo essa ferramenta necessária para a coerção social, fazendo com que a priori, uma visão diferente acerca algum assunto não seja motivação para o caos. Em uma sociedade moderna e complexa, os indivíduos possuem saberes e conhecimentos práticos distintos, mas usam suas especialidades à serviço da sociedade para também desfrutarem de

suas demandas que não são atendidas por eles mesmos, no que Durkheim chama de Divisão Social do Trabalho.

Sobre essa dinâmica, a intenção era de que atuassem em um grande grupo, como realmente aconteceu após aqueles delegados às profissões no canto da sala já não conseguiam mais relacionar as outras profissões com as suas. Além disso, creio que a realização da dinâmica, por mais que houvesse a impressão de não estar fazendo sentido sociológico para alguns alunos, que questionaram o porquê de sua realização (mais uma vez mostrando que se vão realizar uma tarefa sem imposição por normas ou notas escolares querem entendê-la e necessitam concordar com a mesma) foi um sucesso. Isso por que ao fim da dinâmica, o educador usou-se da didática expositiva, não simplesmente para explicar os conceitos de Durkheim, mas também para buscar o equilíbrio referido na seção 3.2.1, que pretende aproximar o aluno do conceito para que o estudante possa apropriá-lo para uma possível reflexão ou debate.

#### **4.2.5 Proposta dos alunos**

Após a realização da dinâmica de grupo ainda restavam poucos minutos no relógio para que o período se esgotasse. Então um dos alunos se antecipou ao planejamento e sugeriu que escolhessem o tema da próxima aula. Isso ocorreu por que outra aluna havia destacado o conteúdo “negativo” de algumas aulas, por lidarem muito com conflitos sociais. Então foi decidido por consenso geral, sem qualquer espécie de votação que o tema da próxima aula seria “Os Sentimentos em Sociedade”. Foi dito pelo professor-pesquisador que os alunos deveriam preparar suas falas ou materiais.

Os alunos escolheram falar de seus sentimentos em contraposição a conflitos sociais, pois se sentiram a vontade de modificar não só a maneira como a aula ocorreria, mas também seu próprio conteúdo. A visão das aulas de sociologia como “negativas” nesse sentido não foi relacionada com a dinâmica ou o conteúdo, mas sim da consciência coletiva de que na opinião dos alunos, muitas coisas estão erradas com a sociedade onde vivemos. A vontade de falar sobre assuntos considerados positivos se encaixa em uma aula de Sociologia, onde é praticamente possível abordar qualquer tema sobre a perspectiva da disciplina. Ainda assim, essa inclinação demonstra interesse em modificar a energia da sala de aula, que mesmo com linguagem e conteúdos diferenciados, onde muitos estão participativos e questionadores, pode lidar demais com problemas e soluções, ao invés de abordar temas sem esse tipo de pretensão. Desse modo, o desafio proposto pelos estudantes para com eles mesmos não só se finda na

alteração de linguagem e conteúdo, mas também na aplicação da visão sociológica em temas que não requerem nenhum tipo de resolução. Sendo assim, é formulando um debate livre de possíveis julgamentos ou impasses, afastando-se da busca por alteração de resultados, seja imediata ou não, que os alunos produzem a nova forma de didática.

A aula denominada “Sentimentos em Sociedade” infelizmente foi a com menor frequência, porém essa problematização será feita já a seguir no próximo capítulo. Essa aula foi realizada em uma disposição circular, uma vez que nenhum aluno produziu nenhum tipo de material diferente da própria fala. Os alunos não demonstraram interesse em iniciar a aula expondo suas ideias, mas assim que o educador os questionou sobre o que haviam preparado de fato, a conversa iniciou-se abertamente, sem qualquer tipo de ordem de fala, onde os jovens falavam atravessadamente, sem o compromisso de “apresentar” seu ponto de vista como uma apresentação escolar, com início, meio e fim, pressupõe o silêncio dos demais. Mesmo que inconscientemente, essa disposição destrói a ideia que quando um aluno fala deve estar sob pressão de estar apresentando um trabalho, e sim explicita o fato de que está apenas expondo seus pensamentos, nesse contexto, extremamente pessoais. Ainda que o professor tivesse que chamar a atenção de alguns alunos para respeitarem o colega que falava evitando conversas paralelas, no geral a conversa teve tom informal, porém sério, onde as falas desordenadas não representaram superficialmente nenhum tipo de silenciamento.

Quando se trata de assuntos pessoais, fica muito difícil que haja discordâncias, ou ainda que um conhecimento vigente oprimira o restante como se mostrou nessa dinâmica não ocorrer. Porém, em uma aula de Sociologia deve haver o esforço para que aquilo que é dado como opinião ou experiência de vida pessoal não seja somente uma dinâmica de relatos, mas também seja problematizado como experiência sociológica. Como pensamento sociológico, não se requer dos alunos nesse momento nenhum tipo de corrente de autores conhecidos ou o uso de conceitos discutidos anteriormente em aula. O critério para avaliação foi com que relacionassem os seus sentimentos com a vida em sociedade, levando em consideração que suas opiniões e conclusões não são as mesmas que as das outras pessoas.

Os 12 alunos presentes foram muito participativos durante todos os 50 minutos, relatando sentimentos e experiências. Entre os seus relatos, destacava-se a importância que davam a família e as relações com mães e pais, segundo os mesmos, responsáveis por demonstrarem afeto e educar os jovens. Com experiências diversas, os alunos discutiram sem interferência do educador, salvo quando o mesmo relatava suas próprias experiências. Os sentimentos abordados com destaque foram vergonha, demonstrações de afeto, insegurança, preguiça, alegria e (in) satisfação. Todos os alunos foram muito bem avaliados, pois estava

presente no discurso de todos eles a associação dos seus próprios sentimentos com a existência e comportamento das outras pessoas. Ao discutirem os motivos que os faziam se sentirem de determinada maneira, apontavam consensos sociais, questionando o porquê de reproduzirem tais comportamentos. Usavam como exemplos atitudes que são esperadas das pessoas enquanto jovens, filhos, estudantes, relacionando também com o funcionamento da sociedade. Desse modo, é possível observar o pensamento do jovem acerca do comportamento social, apropriando-se do conhecimento vigente para discuti-lo, sem necessariamente tomá-lo como uma verdade absoluta, pois a variação de relatos evidenciava tanto semelhanças quanto diferenças no tratamento acerca das emoções. O esforço por definir conceitos sobre como, por exemplo, “o que é alegria?” mostra um pensamento filosófico que passa por reflexões sociais. Como descrito em um dos relatos dos alunos anexados a pesquisa, os estudantes definiram a alegria como um estado, e não como um sentimento constante, de modo com que ninguém pode afirmar que é alegre, apenas que está alegre. A turma criou esse conceito por vontade própria e reconheceu que aquele era um consenso entre os ali presentes, mas que um novo ponto de vista seria capaz de lhes fazer flexibilizar suas definições. Esse fato mostra como a juventude é capaz de produzir conhecimento próprio através de debates e formulações que aliam seu contexto com conceitos da disciplina. Esse conhecimento pode ser discutido na escola toda, e a experiência vai capacitá-los e acostumá-los a pensar e repensar sobre suas ideias, de onde elas vêm e para onde elas podem levá-los. O educador pode usar do conhecimento produzido conjuntamente ou pelos os estudantes não apenas para auxílio nas aulas de sua disciplina, mas também para transformar muitas das suas aulas e sua própria realidade teórica e conseqüentemente concreta. Assim, tanto alunos quanto professores podem usar do momento de educação escolar para repensar e transformar relações da realidade concreta. Empoderando-se de conhecimentos próprios e também acessando informações acerca de conhecimentos prévios ou contemporâneos, o sujeito é capaz de situar-se enquanto agente, aproximando-se do contexto presente e diminuindo a distância por vezes abismal entre a teoria e a prática.

## **5 O ESPAÇO PARA O PROTAGONISMO ESTUDANTIL: DISCUTINDO A EXPERIÊNCIA**

O protagonismo do jovem em sala de aula se mostrou nesse caso que o mesmo esteja cada vez mais identificado com sua aprendizagem, como se sentisse responsável por ela mesma. Ainda que alguns alunos tenham tratado essa responsabilidade de maneira a frequentar pouco as aulas, até nesse exemplo, considerado pelo pesquisador um fracasso da didática, podemos perceber que ao menos o aluno não participa de uma aula estando contrariado. Que fique claro que não há a visão otimista acerca da ausência em quase todas as aulas por parte de 1/6 da turma. O que pode ter ocorrido nesse caso, é de que nas primeiras aulas, expositivas e quando estavam presentes, os alunos que vieram a se ausentar tanto não gostaram das aulas quanto sentiram liberdade para abaixar sua frequência, por estar lidando com um professor estagiário. Assim, mesmo que os alunos ausentes precisem ser citados para uma análise da pesquisa, pois esse fator é de extrema importância na reflexão didática, uma vez que referidos, se pode trabalhar numa reflexão sobre os alunos que estiveram presentes.

O número de estudantes que se mostrou aberto a essa variação didática foi alto, não só pela sua presença, mas pela sua participação ativa no decorrer das aulas. De 30 alunos da turma, 25 tiveram a presença regularmente assídua, e desses 25, aproximadamente 10 regularmente faziam comentários e traziam problematizações todas as aulas, enquanto que o restante atentamente observava e por vezes participava, espontaneamente ou quando era pedido. Em um breve momento onde foi possível a comparação das listas de chamadas com as aulas do professor concursado, percebe-se que o padrão de assiduidade foi mantido, tal como os alunos ausentes serem os mesmos.

Antes do início das aulas, os conhecimentos apresentados pelos alunos como sociológico era pouco ou nulo. O que ocorria não era uma ignorância acerca dos assuntos abordados posteriormente, porém uma incapacidade de relacionar conceitos com a realidade social concreta, estabelecendo o pensamento sociológico. Ao perceberem, principalmente a partir de onde foi feita a primeira tentativa de participação ativa (descrita no item 3.2.3), que eram capazes de identificar a sociologia em seus próprios interesses, se condicionaram a pensar sociologicamente ao menos durante as aulas. Na atividade de retorno dos alunos sobre as aulas ministradas, muitos reconheceram o valor da dinâmica que previa escutar e problematizar letras de músicas, a primeira onde participaram ativamente. Confirmaram a impressão de que aproximar o contexto dos conceitos sociológicos incentivou os estudantes a participarem ativamente. Segundo as palavras de um aluno: “A discussão se iniciava com

assuntos aparentemente simples, mas mesmo aqueles que se sentiam incapazes de discutir assuntos difíceis, quando se davam conta, estavam interagindo”. Essa frase sintetiza que a flexibilização da linguagem aproxima os estudantes da aula. Além disso, os alunos também afirmaram que nesse novo momento, principalmente após a apresentação de músicas, se sentiam mais ativos e dispostos a falar.

Nesse sentido, pode-se considerar positiva a experiência na escola. Como descreve Paulo Freire em “Pedagogia da Pergunta” (1985), referindo-se ao papel dos partidos populares e não populistas, é do dever do intelectual que imagina uma sociedade ideal, que estabeleça um constante diálogo com as classes trabalhadoras, considerando que essas classes serão fundamentais na transformação social. Somente esse diálogo será capaz de descobrir e criar diferentes meios para que essa transformação exista de forma coesa. Relacionando essa ideia com as dinâmicas propostas, ainda que de certa forma nenhum conhecimento apresentado pelos alunos seja exatamente inédito, a forma com que apresentaram seus saberes pareceu inovadora, não só pela didática considerada diferenciada, mas também por reconhecer os textos apropriados por si como válidos em ambiente escolar. Desse modo, o educador e os alunos presentes estabelecem meios para o aprendizado, em uma alternativa à imposição tanto de um tipo conhecimento como da maneira com que ele vai ser abordado. Ao estabelecer esse processo, a resposta dos alunos foi positiva, tanto na própria prática da dinâmica musical e a partir dela, quanto nos seus relatos após o fim do estágio.

Ao descentralizar o poder do papel do educador, muitos alunos sentem um aparente desconforto, relutando a participar quando incentivados, como relatado anteriormente. Porém, a maioria dos alunos presentes teve seus momentos de participação ativa, que rendeu agradecimentos ao educador pela oportunidade. Ainda assim, percebe-se a falta de compromisso dos estudantes com as atividades propostas tanto pelo educador, em um primeiro momento, quanto por eles mesmos enquanto turma, posteriormente. Talvez seja importante relevar a possibilidade de que nessa experiência, ao tomar maior consciência acerca do seu conhecimento já construído e apropriado, alguns alunos não problematizaram mais atividades. A primeira proposta, musical, foi realizada por todos os alunos sendo componentes de um grupo. Para efeito de comparação, o relatório sobre o período docente, proposto pelo educador foi feito apenas por oito estudantes, de um total de aproximadamente 25 assíduos. Já a aula com o tema “Sentimentos em Sociedade”, criada pelos alunos, teve a menor frequência de todas as outras, totalizando apenas 12 alunos. Um fato que altera a frequência dos alunos é de que no início do período do estágio, as aulas eram às 8 horas e 20 minutos da manhã, enquanto que no fim, onde se realizaram as últimas propostas, elas

ocorriam ao meio dia, após os alunos permanecerem dois períodos sem aulas, o que fazia muitos ir para casa.

Sobre a construção de novos conhecimentos, nessa experiência docente, como foi relatado anteriormente, não houve muitos casos contundentes de conhecimento construído ineditamente e conjuntamente pela turma. Mesmo assim, muitos alunos relataram, tanto em escrito quanto em suas falas, terem acessado um conhecimento inédito para eles, individualmente, construindo à sua maneira. Nesse sentido, a própria noção de que o saber já acessado é um conhecimento precioso, afeta animicamente o estudante, que em um primeiro momento, cria maior senso de pertencimento com as aulas. O que ocorre é que, devido à mudança de horário e a continuidade de uma linguagem considerada informal, muitos alunos não participaram da última aula, que foi o momento onde a turma conjuntamente construiu conceitos e definições sobre os sentimentos listados pelos alunos. O uso da linguagem cotidiana descontraí e torna o aluno mais ativo dentro de sala de aula, porém, no que tange a avaliação e realização de atividades, esse vocabulário, aliado com o teor e modelo alternativo de propostas, causa certo relaxamento.

Não é necessário pensar no conhecimento e na linguagem dentro de sala de aula apenas como formas de coerção e poder, porém, o modelo tradicional de ensino-transferência é tão formalizado e interiorizado, que faz com que a linguagem cotidiana e de fácil acesso seja associada por alguns alunos com a oportunidade de não estar em aula ou não realizar tarefas. Mesmo que desinteressados, os jovens mostraram realizar atividades didáticas clássicas, como provas e o primeiro trabalho, onde ainda não havia se iniciado um diálogo amplo entre alunos e educador. A explicação para que isso ocorra é que são coagidos em suas atitudes para que ajam a fim de obter boas notas. A educação que visa o resultado acaba de maneira intrínseca, estruturando-se na personalidade do aluno em sala de aula, de modo com que o mesmo estranhe aulas com um conhecimento já apropriado e uma linguagem já praticada. Mesmo que haja o reconhecimento por parte de alguns alunos (conforme relato) de que as dinâmicas eram usadas se mostravam eficazes para apropriação de novos conceitos e conhecimentos, havia desinteresse. As aulas com metodologia alternativa se tornavam, por vezes, um momento de menor investimento por parte dos alunos no tempo-espço escolar. Assim sendo, enquanto alguns estudantes lidam com essa maior flexibilidade diante da proposta, de maneira a expandir suas capacidades, apropriando-se das formas e conteúdos propostos, outros optam por distrair-se ou ir para casa mais cedo.

Contrapondo-se a ideia de educação como forma de transformação social, é possível visualizar a coerção nos processos educacionais e como uma preparação para as relações de



subordinação existente no universo profissional. Não se pode afirmar que uma educação hierarquizada não seja capaz de produzir mudanças sociais. Porém ao mudar a estrutura das aulas, percebe-se uma mudança comportamental no agente responsável por essas mudanças, o jovem. Ao hierarquizar excessivamente as relações educacionais do ensino médio, aliena-se estudantes. Uma educação horizontalizada prevê uma aula que valoriza os alunos ao aproximar sua experiências do conhecimento prescrito pelo plano curricular. No caso da pesquisa, o educador passou a ser respeitado não pela coerção, mas por seus argumentos, tendo como efeito a postura ativa dos jovens que optaram por estar presentes.

Ao pensar no jovem como agente social, é preciso pensa-lo como um sujeito em desenvolvimento. Ele obtém maiores possibilidades de apropriação do mundo em que vive se convive com uma prática pedagógica adequada à construção de autonomia desde o ensino básico. Se os alunos têm baixa frequência, atenta-se para o seu interesse e uma possível modificação nas aulas. Se chegarem atrasados, por poucas horas de sono ou grandes distâncias a serem percorridas, se abre uma conversa. A intenção sempre será de ver o aluno com um papel ativo. A escola onde se realizou a pesquisa teve iniciativa nesse sentido. Por exemplo, chamou os campeões de um torneio de futsal entre escolas para serem aplaudidos pelos outros estudantes e promoveu cartas apaixonadas nos dias dos namorados.

Esse tipo de atividades, aliadas com uma dinâmica que visa o protagonismo do jovem, cria um senso de identidade e pertencimento ao aluno, que passa a ter maior frequência, pontualidade, interesse, participação e conseqüentemente bons resultados, como foi o caso de 2017, com turmas de primeiros anos. Porém, quando essas atividades são realizadas sem um grande convencimento dos estudantes, como a gincana que foi feita pela falta de professores, muitos se cansam do ambiente onde não acreditam estar aprendendo. Além disso, há outros fatores intervenientes. Em 2018, a turma de terceiro ano tinha 70 por cento dos seus componentes como estudantes na condição de trabalhadores, o que revela limites na possibilidade de integração.

Conforme relatado pelos jovens, as aulas foram bem recebidas pelos mesmos, especialmente a aula sobre os sentimentos, proposta pela turma como um todo. Apesar da baixa frequência, os participantes produziram um conhecimento inédito para eles mesmos e para o educador. Mesmo que provavelmente suas definições acerca das emoções já tenham sido discutidas por teóricos ao redor do mundo, os alunos chegaram a essas conclusões a partir do seu contexto, provando grande valor da experiência própria na articulação de conceitos, capaz de produzir novas definições. Essas novas definições podem agir na personalidade do aluno, que se vê como agente produtor do conhecimento, em primeiro lugar.

Entre outras possíveis agências, o aluno cria um senso de identidade com a escola e a turma onde é protagonista, pois é ali onde ele se expressa. Como relatado oralmente na última aula, alunos que se consideravam tímidos foram alguns dos mais participativos, evidenciado a potencialidade que as dinâmicas alternativas e contextualizadas podem instigar nos alunos.

O aluno protagonista instiga colegas e educadores. Sua consciência como produtor do conhecimento é necessariamente atrelada a ele ocupar uma posição distinta dos produtores do conhecimento que ele estuda. Essa posição propicia a confrontação entre o conhecimento formal e a cultura local e contextualizada. Com isso, por vezes ele se opõe ao conhecimento vigente nas aulas não só de Sociologia, mas de todas as disciplinas do Ensino Médio.

Os estudantes, no entanto, mostram uma relação contraditória com a escola e com o conhecimento. De um lado, veem aí a possibilidade de ascender socialmente e por isso valorizam o diploma. De outro lado, eles não necessariamente estabelecem conexões entre o conhecimento escolar e a vida prática. As tentativas de aproximação entre esses elementos aparecem como dissociação ou impossibilidade, dada a trajetória escolar e mantem essas separações.

Ao reconhecer-se como produtor e apropriador do conhecimento, o aluno se torna muito mais respeitoso com as participações dos colegas. Entende que os mesmos ocupam posição semelhante e também acessam seus próprios conhecimentos. Na experiência com a turma do terceiro ano do ensino médio, o diálogo entre esses saberes foi capaz de articular diferentes perspectivas.

Uma educação que tem o jovem como protagonista não deve prestigiar um grupo de jovens em relação a outro. A experiência mostrou que se alguns alunos optam por não participar, mesmo depois de consultados sobre sua motivação, ou mesmo depois de as dinâmicas serem modificadas, não se pode haver coerção. Porém, quando estudantes não se sentem à vontade em decorrência do comportamento de colegas, deve haver diálogo visando a inclusão e o respeito.

O educador precisa elaborar um contrato pedagógico no qual fique claro suas intencionalidades. Com base nesse contrato, os estudantes produzem conhecimentos apoiados em suas experiências e com desdobramentos reflexivos relacionados em conhecimentos disciplinares. Tudo isso torna os processos de aprendizagem heterogêneos. Nesse sentido, a escola e o protagonismo estudantil contribuem para ressignificar as experiências e os conhecimentos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou lidar com as contradições do contexto educacional brasileiro para lidar com uma experiência de professor-pesquisador em fase final do curso de licenciatura em Ciências Sociais. Houve profunda identificação do autor - estagiário e ao mesmo tempo professor que pesquisa a prática docente - com o trabalho de ensino-aprendizagem junto aos jovens da educação de nível médio. Disso resultou o interesse pela realização de um estágio docente suplementar a fim de experimentar a relação entre com os jovens, visualizando sua participação e protagonismo em diferentes situações de ensino.

Foi percebida uma postura ativa, salvo os alunos que optaram por não presenciar as aulas, por parte dos jovens. Essa postura harmonizou e influenciou diretamente os temas, conceitos, linguagens e relações em sala de aula de modo com que mesmo em uma experiência rápida, fossem determinantes para uma mudança na sua visão da disciplina de Sociologia em relação a eles mesmos com agentes na produção de seu próprio conhecimento. Se fosse possível imaginar uma escola inteira agindo assim, em aulas e também períodos de intervalo e atividades alternativas, resultados interessantíssimos se produziriam acerca da educação. Nesse sentido, seria preciso não só imaginar novamente as aulas de Sociologia (onde dinâmicas alternativas vêm acontecendo em experiências docentes recentes) ou mesmo o Ensino Médio, mas sim a universidade pública e particular, revendo seus métodos de acesso e problematizando seus meios de inclusão e exclusão dos alunos perante o conhecimento que produzem e o conhecimento que acessam. Somente modificando a ideia de que a educação se reduz a resultados objetivos que dizem respeito a um específico tipo de conhecimento é que se faz possível que o protagonismo juvenil aja como transformador social dentro das unidades de educação.

Mudanças culturais não devem se distanciar de conhecimentos já formulados, mas sim apropriá-los com profundidade. Não são apenas membros inseridos em contextos culturais periféricos que devem buscar informação e o conhecimento, mas também o próprio conhecimento canônico precisa reconhecer as produções humanas diversas. Antigas elaborações sempre estarão presentes para serem discutidas, incorporadas, criticadas e refutadas, porém são as novas elaborações capazes de modificar as estruturas de relações de poder, buscando uma sala de aula ativa e interessada, produtora de conhecimento e pensamento crítico, capaz de agir diretamente na formação do aluno.

A experiência da pesquisa que deu origem a este trabalho foi bastante proveitosa, apesar de ser limitada no tempo. Para ser desenvolvida plenamente, um plano de aula maior

teria de ser elaborado. Algumas implementações didáticas devem ser feitas aos poucos, no decorrer de um tempo mais amplo, ao mesmo passo que o educador pode traçar suas intenções e conhecimentos a serem debatidos e reconstruídos. Para educadores que encontram dificuldades em suas aulas no que diz respeito ao interesse dos alunos, a educação que tem o jovem como protagonista apresenta alternativas. Ainda assim, o professor sempre tem que modificar e improvisar com o objetivo de abranger todos os alunos. É possível fazer avaliações diferentes das clássicas com respostas certas e erradas, procurando perceber as capacidades de cada aluno de acordo com a intenção do educador. Além disso, muitas vezes os fatos devem ser trazidos de forma sustentada e afirmativa para não serem confundidos com opiniões.

Este estudo se propôs a refletir sobre metodologias de ensino-aprendizagem a partir de uma experiência particular. O conjunto da educação brasileira, considerado o contexto de precariedade social e educacional, necessita bem mais do que metodologias apropriadas. Necessita de educação pública valorizada e de inclusão educacional com qualidade para todos os jovens. Porém, com base na experiência docente e nos experimentos de um professor-pesquisador, parece possível problematizar e verificar diferentes modos de construir a relação com o conhecimento, com a linguagem e com o poder relacional na educação escolar. Os esforços para propiciar o protagonismo dos jovens na escola se mostram produtivos e apontam para a possibilidade de interlocução entre saberes e experiências cotidianas e questionamentos reflexivos a partir de conhecimentos disciplinares e escolares. Isso pode ocorrer na sala de aula, em ambientes de lazer e convivência na escola, com a problematização de pontos de vistas produzidos na vida e trazidos para o interior do trabalho educacional.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *Os três estados do capital cultural*. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 73-79 (. ed., 2001).
- COLLYER, Renato. A única coisa que não muda é que tudo muda: a ideia do devir na filosofia de Heráclito. **Obvious Magazine**, 2015.
- DIÓGENES, Glória. **Juventude e estilo: a rebeldia como lema, a violência como marca**. Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo: Annablume, 2008.
- DURKHEIM, Émile. **A divisão do Trabalho Social**. Martins Fontes, 2012.
- FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dagmar M. L. e TARTUCE, Gisela Lobo B. P.. **Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio**. Cadernos de Pesquisa. [online]. 2004, vol.34, n.122, pp.411-423. ISSN 0100-1574. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742004000200007>.
- FOUCAULT, Michel. As formações discursivas IN: **A Arqueologia do Saber**. 8ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FREIRE, P.; FAGUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 12 ed. 2008.
- MENESES, Paulo. Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões. **Revista Symposium**, Ano 3, Número Especial, Dezembro de 1999.
- OBSERVATÓRIO DO PNE. **Observatório do PNE**, 2017 Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- SPOSITO, Marília Pontes. Juventude e Educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal. **Educação e Realidade**. 33(2): 83-98, jul/dez 2008.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio**. Mana vol.2. no.2 Rio de Janeiro. Outubro, 1996.
- ZALUAR, Alba. *Do dinheiro e dos homens no tráfico de drogas*. In: WESTPHAL, M. F. e BYDLOWSKI, C. R. (eds.) **Violência e Juventude**, São Paulo: Hucitec, 2010.

## **APENDICE A - Temáticas de Ensino**

Como o professor titular da disciplina esteve em licença de duas semanas, (4 períodos) foi possível trabalhar por mais tempo do que o combinado e planejado, flexibilizando a duração de cada modelo de aula. Assim, foram desenvolvidas 14 horas aulas. A seguir estão listados temas das aulas, cuja explicitação e definição dos conceitos foram descritas ao longo de todo o trabalho.

### **Primeiro Modelo: Ensino -transferência**

O primeiro modelo de aula será exclusivamente expositivo, trabalhando conceitos de Engels presentes no texto “O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem”, sugerido pelo professor concursado. Serão esses conceitos de trabalho, manipulação da natureza e evolução biológica do homem segundo Engels. O objetivo foi revisar o texto para a prova.

### **Segundo Modelo: Expositivo-dialogada**

O segundo modelo prevê maior participação dos alunos em uma aula expositiva dialogada. Temas como o capitalismo, a divisão do trabalho, etnocentrismo, colonização, desigualdade social, racismo, conflitos armados, tráfico, prostituição, leis, instituições punitivas, instituições educacionais e arte serão trabalhados. O objetivo foi abordar desdobramentos do uso do trabalho no sistema de mundo atual, aproximando a temas cotidianos com que os alunos possam participar.

### **Terceiro Modelo: Aluno Protagonista**

Nesse momento foi pedido dos alunos que tragam músicas nos celulares para que todos escutem em uma caixa de som dentro da sala de aula. Foram apresentadas as letras e interpretá-las, além de participarem na interpretação das letras de músicas trazidas pelos colegas. O objetivo foi dar protagonismo ao aluno, que escolhe a música. Assim o educador percebe seus gostos musicais, os temas que gostaria de abordar, e se houve relação com conteúdo das aulas anteriores. O desdobramento dessa aula volta a ser uma aula expositiva dialogada, porém pretende maior participação dos alunos, já que teve por base temas escolhidos pelos mesmos, que dialogam com a aula anterior.

### **Quarto Modelo: Dinâmica de Grupo**

Dinâmica em grupo com objetivo de exemplificar o conceito de solidariedade orgânica de Durkheim e testar a capacidade dos alunos de relacionarem a interdependência de uma profissão com outra no contexto social, de acordo com a perspectiva da teoria funcionalista.

#### Quinto Modelo: Proposta dos alunos

Foi proposto que os alunos criem uma aula em conjunto e contribuam para que ela ocorra, sendo desde os temas a serem abordados como a didática. O objetivo foi levar ao extremo o protagonismo juvenil, mesmo que em uma rápida experiência docente, analisando como os alunos percebem a sociologia, desde a sua perspectiva, após um período de diferentes didáticas e temas.

## APÊNDICE B - Relatos dos Alunos

### Aluno 1

“A aula de socióloga para mim, sempre foi um lugar onde eu pudesse me expressar e debater, sobre algo com alguém. As aulas do professor concursado sempre foram muito boas, abordando assuntos que faziam com que eu participasse e me empolgasse com o saber transmitido por ele. Ao perceber que viria um estagiário e se tornaria nosso novo professor, mesmo que por pouco tempo, eu já fiquei em dúvida de como seriam as aulas, se conseguiria fazer com que as aulas fossem dinâmicas e participativas, e se iria conseguir interagir conosco de uma forma legal. Ainda bem que essa dúvida foi em vão, pois conseguiu fazer tudo isso. Realizaste as aulas com uma dinâmica onde todos participassem (ou quase), chegou pedindo para que sentássemos de uma forma com que todos conseguissem se olhar. Pra mim, foi uma das coisas geniais que trouxeste para aula, pois assim prestamos bastante atenção no que cada colega estava dizendo. Trouxeste assuntos que no início eram menos complexos, fazendo com que as pessoas começassem a participar, sem ter ‘medo’ de debater um assunto ‘difícil’, mas que no final sempre virava algo complexo, mas que nesse tempo, todos já estavam interagindo. A aula que tu realizaste com um foco sobre ‘O que é arte para mim’ foi uma das melhores aulas durante seu período de estágio conosco. O conceito de ‘arte’ foi algo muito discutido, e teve várias distinções por nós, com diferentes olhares para o tema abordado, e isso fez com que o debate aumentasse e as pessoas se empolgassem, e começassem a relatar seu ponto de vista, principalmente quando o assunto entrou na parte ‘arte ilícita e arte lícita’, que foi onde mais me surpreendeu, pois tiveram diversas opiniões e muito debate sobre, e fez com que eu conseguisse olhar com outros olhos para a arte, não somente do meu ponto de vista. Para mim, arte sempre foi um meio de alguém expressar sentimentos bons ou ruins, seja em músicas, poemas, textos, grafites, etc. Mas também existe a arte ilícita que para o meu olhar é arte, pois tem um expressionismo e, tal ato, como em pichações em muros de casas, prédios e etc., que foi o tema que mais discutimos nessa aula. Mas temos que pensar que: ‘Será que ele está pichando ali por que em outro lugar não dariam bola para o expressionismo dele? Será que não é um meio de manifestação?’ Porque para mim, expressar seus sentimentos em cima de algo manifestado, é arte. Não sou a favor de pichações, acredito que tem sim outros modos de se expressar, mas, por que não vamos mais a fundo? ”.

### Aluno 2



“No primeiro trimestre com o período de estágio, consegui enxergar de forma simples a matéria de sociologia. Onde vimos vários assuntos, inclusive a importância do trabalho na vida do ser humano. Na minha percepção, o conceito de trabalho, conforme as aulas dadas, significa que sem o trabalho não existiria a evolução da espécie humana, basicamente. Com aulas descontraídas, mas ao mesmo tempo sérias, consegui captar facilmente as ideias abordadas, mas principalmente a aula da apresentação do assunto, de alguma música, as interpretações forem muito mais fáceis de se realizar devido aos debates depois da música. Se futuramente tu seguir como professor, será muito fácil de se entender os assuntos da forma como tu explica. Parabéns pelo trabalho feito.”

#### Aluno 3

“No primeiro trimestre de Sociologia, nós aprendemos a importância do trabalho. Através dele conseguimos obter tudo que temos. No texto encontramos argumentos que justificam isso, um exemplo bem comum seria a evolução do macaco, se tirarmos o trabalho dessa trajetória esse fato seria quase impossível. Conseguimos debater sobre vários assuntos atuais, colocando nossas opiniões em cheque.”

#### Aluno 4

“A minha opinião sobre as aulas de Sociologia é que elas foram boas e interessantes. Para mim, foram aulas com assuntos importantes como a questão das cotas raciais, pichações, entre outros, e assuntos sobre a prova, a matéria como desenvolvimento humano até os dias de hoje. Uma das principais qualidades do professor é que ele mostra domínio sobre a matéria e aparentemente sobre o que fala, e sabe receber pontos de vista diferentes por mais “distorcidos” que sejam. Sobre o assunto que foi pedido para que fosse trabalhado: felicidade. Se formos pelo conceito, felicidade é “qualidade ou estado de feliz, estado de uma consciência plenamente satisfeita; satisfação, contentamento, bem-estar. Como está escrito ali, ‘estado’ ou seja, não permanente, não é vitalício, não é para sempre, é temporário. Felicidade é algo passageiro, que vai e volta. Não é possível dizer o que é realmente a felicidade, para cada um há um conceito diferente. Para alguns, o sinônimo de felicidade é dinheiro, é viagem, é sucesso, é comer, é beber, é ir em uma festa, entre tantos outros possíveis sinônimos tem o sinônimo que mim melhor se encaixa: família. Acho que é importante que toda a família esteja bem de saúde, financeiramente e felizes para que eu esteja feliz também, mas a base de tudo é a família. Para mim não tem nada mais importante do que chegar na casa da minha vó no domingo e ver todos lá juntos, rindo e falando besteiras. Para mim, poder rir com a família

é a principal fonte de felicidade. Olhar para todos e ver um sorriso estampado no rosto de cada um, ver os olhos brilhando e demonstrando que estão felizes assim como eu. Por estar próximo a eles. Achei as últimas aulas de sociologia ótimas, muito boas para refletir e perceber que há pessoas com pontos de vista diferentes e que é possível a convivência de todos sem fatalidades. Não acho que seja necessário passar textos no quadro como a maioria gostaria, acho que seria mais interessante que cada um anotasse o que acha interessante durante as discussões em aula. Fico feliz por ter tido a oportunidade em ter aula com um professor diferente do tradicional, alguém com a cabeça aberta a novas ideias, com uma idade mais próxima das nossas e que consegue entender o nosso lado. Parabéns pelas aulas espero que consiga alcançar teus objetivos.”

#### Aluno 5

“O período de estágio do professor de Sociologia foi muito bom. A aula que eu mais gostei foi quando falamos sobre o comunismo, debatemos sobre a esquerda, demos muitas risadas sobre algumas coisas. Outros assuntos que debatemos foram cotas, pichação, músicas que criticam o governo, greve dos caminhoneiros e racismo.”

#### Aluno 6

“Durante nossa trajetória estudando sobre o trabalho, sua origem, transformações, consequências etc, ganhamos muitos aprendizados com os debates, atividades dinâmicas e com os textos, abrangendo nosso conhecimento sobre o assunto. Entendemos que diversas visões existem sobre o valor do trabalho para a sociedade. Conseguimos agrupar diversos temas cotidianos em nossas aulas, trazendo mais argumentos para defender nossa opinião. No entanto, os professores deveriam trazer mais exemplos diversificados de economistas, mas mostrando números concretos e não somente sua visão ou de uma única pessoa.”

#### Aluno 7

“As aulas foram muito interessantes, com os debates e trabalhos sobre as interpretações das músicas e com o texto “O papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, e discussões sobre o trabalho x natureza, trabalho x capitalismo, sobre a definição do que é arte, etc. As aulas foram bem desenvolvidas e proveitosas.”

Obs.: Os demais alunos não entregaram seus retornos até a data limite de entrega dessa pesquisa.